



Resenha *MIGRAÇÕES NA ATUALIDADE* – Ano 25 – nº 94 – Março 2014

Centro Scalabriniano de Estudos Migratórios – www.csem.org.br

As religiões a serviço da dignidade dos migrantes

PORTUGUÊS	3
Peregrinos da Jornada Mundial da Juventude buscam refúgio no Brasil	3
Bispos do Norte de África: preocupações para o futuro da Igreja e o drama da imigração	5
‘Quase meio milhão de cristãos no Iraque estão em constante perigo’, diz defensor bolsista da ONU	5
Inserção Social pela Religião	6
Francisco: Visita a Lampedusa marca primeiro ano de pontificado	7
Papa sobre a tragédia da imigração: é a globalização da indiferença	8
Líderes Religiosos vêem “Mão de Deus” em Reforma Migratória	8
 ENGLISH	 10
Catholics, Evangelicals team up in pressing for immigration reform	10
Study: Muslim job candidates may face discrimination in Republican states	11
10 Myths About Muslim Immigrants in the West	12
A spiritual retreat in Dubai keeps the faith alive among migrants in the Middle East	14
Churches welcome US Senate passing of immigration act	15
World churches body troubled at Swiss vote to restrict immigration	16
Most Undocumented Immigrants Are Christians From Latin America and Caribbean	16
Influx of Christian and Muslim immigrants changing Canada’s religious makeup	17
 ESPAÑOL	 19
La Inmigración Dispara los Centros de Culto en Catalunya	19
Toribio Romo, el santo que "rescata" a migrantes en México	19
En Francia, los Musulmanes votan a la izquierda mientras que los obreros prefieren a la extrema derecha	21
¿Cómo viven las personas inmigrantes su integración religiosa?: Cristianos en una Tierra Nueva	21
'Padre Patera': “Los inmigrantes vienen a España creyendo que es la Tierra Prometida”	22
 ITALIANO	 23
In Italia 836 Religioni e più Immigrati Cristiani che Musulmani	23
Quando Religione fa rima con integrazione: La guida ai luoghi di culto e incontro a Roma	24
Fra Realpolitik e Religione. Il gop e la riforma dell'immigrazione	25
Voglio una vita Halal (e il Cibo c'entra poco)	26
Lampedusa: omelia del Santo Padre Francesco	27
La pastorale dei migranti e dei rifugiati in Europa: una proposta di comunione	28

EDITORIAL

Após o dia 11 de setembro de 2001, a reflexão acadêmica sobre “religião e migração” esteve relacionada com o foco da segurança nacional: a imigração é um caminho de difusão da violência do fundamentalismo religioso? A questão da “segurança” era entendida não apenas como enfrentamento ao terrorismo, mas também como preservação da identidade moderna ocidental. As teorias sobre supostos “choques de civilizações” (HUNTINGTON, 1997) marcaram esse amplo debate.

Neste contexto espalhou-se uma ampla desconfiança em relação ao modelo de integração multiculturalista, que teve sua difusão nas décadas de 70 e 80 do século passado, num contexto em que o reconhecimento da diversidade representava uma clara denúncia contra o autoritarismo do regime soviético, mas também uma inevitável reivindicação identitária das minorias étnicas e migratórias presentes de forma cada vez mais estável, integrada e organizada, principalmente, na América do Norte e na Europa (GOMARASCA, 2012).

Na realidade, na opinião de muitos, esse modelo multiculturalista, em suas diferentes nuances, não conseguiu promover a integração dos migrantes, colocando em risco as identidades nacionais e a coesão social dos vários países de imigração. Neste sentido, nos últimos anos, aumentou significativamente a rejeição em relação à alteridade cultural e religiosa. Alguns exemplos: as tentativas de proibir a circuncisão na Alemanha, em 2012; a proibição do abate *halal* e *kosher* em vários países europeus; a proibição, cada vez mais rígida, da ostentação de símbolos religiosos em espaços públicos na França; a proibição do *burquini* (traje de banho islâmico composto por véu, túnica e calças largas); o referendun na Suíça, em 2009, contra a construção de *minarettes* (torre da mesquita); os difundidos atos de protesto contra a construção de templos de religiões minoritárias, acontecidos em diversas partes do mundo, como no conhecido caso do centro islâmico na ilha de Manhattan, nos EUA, em 2011.

Além disso, cresce cada vez mais o número daqueles que consideram necessário planejar a imigração priorizando a chegada de pessoas oriundas de países cultural e religiosamente mais homogêneos com os países de chegada. Em nossa opinião, no entanto, frente às intensas dinâmicas transnacionais contemporâneas, marcadas principalmente pelas migrações internacionais e pela ampla difusão dos meios de comunicação, a pluralização religiosa (BERGER e ZIJDERVELD, 2012) se torna um fator quase que inevitável, como atestado por pesquisas em diferentes países do mundo. Mas como gerenciar esse fenômeno?

Há dois caminhos que podem ser percorridos: o primeiro é o caminho da *assimilação*, que geralmente é mais ou menos disfarçado como “defesa da identidade nacional”, “promoção dos direitos das mulheres” ou “luta contra o proselitismo religioso”. Cabe salientar, no entanto, que a lógica assimilacionista visa explicitamente à negação da alteridade. Por isso, em nossa opinião, sobra apenas o caminho do *diálogo*, enquanto dinâmica de aproximação, interlocução, reconhecimento e negociação entre diversidades em busca da convivência ética e simétrica. Neste processo, que inclui a relação entre religiões e Estados, mas também das religiões entre elas, o que deve ser focado, antes que as doutrinas, são as regras de convivência no respeito dos valores básicos da modernidade (CASANOVA, 2000; ROY, 2008). Isso implica a capacidade de as religiões ampliarem suas fronteiras simbólicas, mas, ao mesmo tempo, a capacidade de acolhida e reconhecimento por parte das sociedades de chegada e dos grupos religiosos autóctones ou majoritários (PACE, 2009).

Assim sendo, a pluralização religiosa pode se tornar um importante recurso: comunidades e lideranças religiosas, hoje, atuam com frequência como instrumentos em defesa dos direitos de migrantes e refugiados, como no caso do Papa Francisco em Lampedusa, de Igrejas cristãs dos Estados Unidos em relação à Reforma Migratória ou de grupos religiosos no Brasil que atuam para a promoção dos direitos de imigrantes e refugiados.

Além disso, a conjuntura contemporânea revela a presença não apenas de comunidades religiosa *em prol* dos migrantes, mas também de comunidades religiosas *de* migrantes que reivindicam e lutam pelo reconhecimento de seus direitos individuais, sociais, econômicos, culturais e religiosos. Esses

grupos estão se articulando com outros movimentos sociais, somando forças com vistas à promoção não apenas de interesses corporativos, mas do bem comum da população do país.

Enfim, os grupos religiosos estão assumindo um papel cada vez mais expressivo nos países de chegada, de um ponto de vista econômico, cultural, religioso e político, tendo uma crescente influência nos embates eleitorais, como atesta o caso dos EUA. Talvez esta seja uma explicação pela crescente discriminação destes “estranhos exigentes”, como os define Enzo Pace (2004): pessoas estrangeiras e diferentes que ousam entrar em terras alheias e reivindicar seus direitos de seres humanos.

Referências Bibliográficas:

BERGER, Peter; ZIJDERVELD, Anton (2012). *Em favor da dúvida*. Como ter convicções sem se tornar um fanático. São Paulo: Campus.

CASANOVA, José (2000). *Oltre la secolarizzazione*. Le religioni alla riconquista della sfera pubblica. Bologna: Il Mulino.

GOMARASCA, Paolo (2012). Multiculturalismo e convivência. Uma introdução. *REMHU – Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana*, ano XX, n. 38 – jan./jun, p. 11-26.

HUNTINGTON, Samuel (1997). *O choque das civilizações e a recomposição da nova ordem mundial*. Rio de Janeiro: Objetiva.

PACE, Enzo (2004). *L'Islam in Europa: modelli di integrazione*. Roma: Carocci

_____ (2009). *Raccontare Dio*. La religione come comuncazione. Bologna: Il Mulino

ROY, Olivier (2008). *Islam alla sfida della laicità*. Dalla Francia una guida magistrale contro le isterie xenofobe. Venezia: Marsilio

PORTUGUÊS

Peregrinos da Jornada Mundial da Juventude buscam refúgio no Brasil

Por Luiz Fernando Godinho – ACNUR

Peregrinos de diferentes países que vieram ao Brasil para a Jornada Mundial da Juventude (JMJ) estão solicitando refúgio às autoridades brasileiras. Entre as razões alegadas pelos solicitantes de refúgio estão perseguições sofridas por questões religiosas ou relacionadas a conflitos armados em seus países de origem. A JMJ aconteceu entre os dias 23 e 28 de julho e reuniu cerca de 03 milhões de pessoas no Rio de Janeiro.

Segundo dados coletados pelo Alto Comissariado da ONU para Refugiados (ACNUR) junto à Caritas Arquidiocesana do Rio de Janeiro (CARJ), cerca de 40 solicitações de refúgio já foram feitas por peregrinos da JMJ. A Caritas Arquidiocesana de São Paulo (CASP) também tem recebido pedidos de refúgio por parte de peregrinos que participaram da JMJ. Até agora foram cinco casos. Entre os solicitantes estão nacionais do Paquistão, Serra Leoa e República Democrática do Congo.

Assim como todos os solicitantes de refúgio que chegam ao Brasil, os peregrinos da JMJ terão seus pedidos analisados pelo Comitê Nacional para Refugiados (CONARE), que funciona no âmbito do Ministério da Justiça. Para isso, terão de se apresentar à Polícia Federal e serão entrevistados por oficiais de elegibilidade do CONARE. Como de praxe, após avaliação individual o CONARE decidirá quais casos devem ser reconhecidos como refugiados.

No Rio de Janeiro, pelo menos 12 solicitantes relataram perseguições relacionadas a questões religiosas. “Meu pai foi morto por ser cristão, e sempre disse a minha mãe que isso poderia acontecer com nossa família. Sendo também cristão, a JMJ foi a única oportunidade que tive para conseguir um visto e sair do meu país”, disse ao ACNUR o jovem Peter Atuma (*), católico de 24 anos que vivia em Serra Leoa, no oeste da África.

Seu corpo tem cicatrizes de ferimentos causados por grupos religiosos hostis aos cristãos da comunidade onde vivia.

Ele já declarou à CARJ sua intenção de solicitar refúgio e tem agendada uma entrevista com a Polícia Federal no Rio de Janeiro para formalizar seu pedido. “Onde há paz, é possível viver tranquilamente”, completa Atuma, que deixou para trás sua mãe e oito irmãos vivendo em uma comunidade no norte de Serra Leoa. “Não tenho como voltar. Quero reconstruir minha vida aqui no Brasil”, diz Atuma, que tem formação na área de contabilidade.

Outro peregrino com entrevista já agendada na Polícia Federal para solicitar refúgio é o paquistanês cristão Imran Masih (*), que vivia ao sul de Islamabad com seus pais e quatro irmãos. Por causa da sua religião, teve problemas com as autoridades do país, foi discriminado na busca por um emprego e testemunhou perseguições e violência contra outros católicos de sua comunidade.

“Quando cheguei à JMJ, vi muitos católicos expressando sua fé sem problemas e convivendo com pessoas de outras religiões em paz. Todos nós somos criaturas de Deus e não podemos ser discriminados por causa do que acreditamos”, afirma Masih, que não se sente seguro para retornar ao seu país. Interessado em filosofia e teologia, ele quer iniciar estudos no Brasil para ser ordenado padre.

Os peregrinos solicitantes de refúgio no Rio já estão sendo assistidos pela CARJ, por voluntários ligados à Igreja Católica que participaram da JMJ e por autoridades municipais. Um grupo de cinco homens solteiros que alega perseguição religiosa foi acomodado em uma casa de passagem administrada pela CARJ e está se mantendo com doações da Igreja local e de fiéis, além de alimentos comprados pela Caritas. Outros seguem hospedados por voluntários da JMJ, devendo ser transferidos para uma residência provisória cedida por uma paróquia da cidade. Os demais solicitantes que alegam perseguições devido a conflitos armados, como é o caso dos cidadãos originários da República Democrática do Congo, estão sendo acolhidos tanto por voluntários da JMJ como pela própria comunidade de refugiados congolezes que vive no Rio de Janeiro.

A assistente social Aline Thuller, uma das coordenadoras do projeto de assistência e proteção a refugiados implementado pela CARJ,

com apoio do ACNUR e do governo brasileiro, explica que a assistência financeira direta só poderá ser prestada quando os pedidos de refúgio forem formalizados. “Outros apoios, como aulas regulares de português e cursos profissionalizantes, também só poderão ser dados quando os peregrinos tiverem o protocolo da Polícia Federal confirmando seu pedido de refúgio”, afirma Thuller.

Os pedidos de refúgio feitos por peregrinos que participaram da Jornada Mundial da Juventude e alegam perseguição religiosa representam, de certa forma, um novo desafio para as autoridades brasileiras. “Não temos dados específicos sobre este tema, pois muitas vezes as questões religiosas se misturam com perseguições associadas a motivos políticos. Faremos um acompanhamento detalhado destes casos, pois o pedido de refúgio devido a questões religiosas é uma questão complexa de ser decidida, afirma o Representante do ACNUR no Brasil, Andrés Ramirez.

Ramirez ressalta que a Constituição do Brasil garante a livre expressão religiosa e determina a separação entre o Estado e as religiões. “Este é um componente de proteção importante para quem sofre perseguições religiosas”, afirma Ramirez.

Entre os peregrinos entrevistados pelo site do ACNUR, alguns comparam sua saga à de santos da Igreja Católica, que sofreram perseguições por causa da sua fé. “Muitos desses santos sofreram por anunciar as boas novas de Deus. Mas permaneceram firmes em sua fé” diz Asham Daniel (*), paquistanês de 24 anos. “Outros foram humilhados por reis e pessoas poderosas, mas reconstruíram suas vidas em outros países e puderam acolher suas famílias no exílio”, disse Atuma, de Serra Leoa.

O Brasil possui cerca de 4.200 refugiados reconhecidos pelo governo federal, originários de mais de 70 nacionalidades diferentes. Em 2013, cerca de 300 novos pedidos foram aceitos pelo Comitê Nacional para Refugiados (CONARE), sendo a maioria composta por refugiados originários da Síria, Colômbia e República Democrática do Congo.

(*) Nomes trocados a pedido dos entrevistados, por questões de segurança.

Fonte: <http://www.acnur.org/t3/portugues/noticias/noticia/peregrinos-da-jornada-mundial-da-juventude-buscam-refugio-no-brasil/> - 22.08.2013

Bispos do Norte de África: preocupações para o futuro da Igreja e o drama da imigração

A situação actual das Igrejas nos Países do Magreb; a discussão de um documento sobre a presença da Igreja na região; a questão do diálogo com o Islão; o drama da imigração e o novo pontificado do Papa Francisco, são os temas que marcaram o encontro anual da Conferência Episcopal Regional do Norte de África (CERNA), que teve lugar em Roma, de 6 a 9 de Outubro. Durante os trabalhos presididos pelo Presidente Dom Vincent Landel, Arcebispo de Rabat, os bispos partilharam as esperanças e as dificuldades das suas respectivas Igrejas na região, após a eclosão da Primavera Árabe. O que preocupa os bispos do Norte da África – lê-se no comunicado final - é particularmente a Líbia onde, por causa da permanente insegurança e instabilidade política, as comunidades religiosas, empenhadas em particular no campo da saúde, foram convidadas pelas novas autoridades de Trípoli para deixar o País.

Menos alarmante é a situação na Tunísia onde, contudo, a mais de dois anos após a Revolução dos Jasmins, continua a reinar um clima de grande incerteza. Incerteza que também se verifica na Argélia, enquanto se esperam as próximas eleições presidenciais, e em Marrocos, principalmente por causa da crise económica, mas também pelo surgimento de um tímido debate sobre a questão da liberdade de consciência para o qual a opinião pública do País não parece preparada. Outro ponto de consideração no encontro da CERNA é o esboço de um documento sobre a presença da Igreja no Magreb, uma versão

actualizada de um documento semelhante, publicado em 2000. Os bispos do Norte de África também tiveram um encontro com o Cardeal Jean-Louis Tauran (foto), Presidente do Pontifício Conselho para o Diálogo Inter-religioso, com quem falaram da actual situação do difícil diálogo com o Islão. O Cardeal Tauran também falou dos encontros inter-religiosos "A imagem do outro", promovidos nos últimos meses pelo Centro Internacional para o Diálogo Inter-religioso e cultural "Rei Abdullah Bin Abdulaziz" (Kaiciid), com a participação da Santa Sé.

Uma outra questão importante abordada pelos bispos do Magreb foi finalmente o drama da imigração, que envolve de modo particular os Países do Norte de África. À luz da recente tragédia em Lampedusa, os bispos sublinharam a necessidade de "considerar o fenómeno da migração na sua globalidade", analisando as suas causas e consequências, e de identificar os "meios adequados para apoiar os migrantes", que incluem também cristãos. Na conclusão dos trabalhos os bispos da CERNA participaram na Audiência Geral do Papa Francisco, cujo convite para ir às periferias – afirmam na nota conclusiva - é para os bispos do Norte de África um "estímulo para viver a chamada da encarnação na humildade, serviço e esperança".

Fonte:
http://pt.radiovaticana.va/news/2013/10/13/bispos_do_norte_de_%C3%A1frica:_preocupa%C3%A7%C3%B5es_para_o_futuro_da_igreja_e_o_por-736919 - 13.10.2013

‘Quase meio milhão de cristãos no Iraque estão em constante perigo’, diz defensor bolsista da ONU

Em outubro de 2010, uma igreja cristã foi atacada durante a missa de domingo, deixando 94 pessoas mortas ou gravemente feridas, de acordo com Rimón Albeer Misattr (33), um membro da minoria cristã no Iraque.

“As vidas de quase meio milhão de cristãos no Iraque estão em constante perigo”, conta Rimón.

“Desde 2003, dezenas de igrejas e casas de culto foram alvos, matando 900 pessoas e ferindo 6 mil”, lembra.

Os ataques a cristãos no Iraque muitas vezes os expulsam de sua terra natal para o centro e o norte do país, especificamente Erbil, a capital da região curda do Iraque, explica Rimón. “Como somos internamente deslocados, muitas vezes é difícil

encontrar trabalho por causa do excesso de população em muitas dessas cidades.”

Rimón diz que a educação é outra área de preocupação para os cristãos internamente deslocados no Iraque. “Muitos estão fora do sistema de ensino há sete anos, esperando sua situação se resolver”, diz ele. Após o centro e o norte do Iraque, Rimón explica que os cristãos muitas vezes procuram asilo na Turquia, Jordânia, Líbano e Europa.

Como um dos 13 bolsistas selecionados para participar do Programa de Bolsas das Minorias de 2013 do Escritório do Alto Comissariado das Nações Unidas para os Direitos Humanos (ACNUDH) em Genebra, Rimón recebeu a oportunidade de aprender sobre o sistema da

ONU, instrumentos e mecanismos de direitos humanos. Após completar o programa de treinamento, cuja primeira edição foi em 2005, os bolsistas também participaram da 6ª sessão do Fórum sobre Questões das Minorias, intitulada “Além da liberdade de religião ou crença: Garantindo os direitos das minorias religiosas”.

O fórum anual fornece uma plataforma para promover o diálogo e a cooperação sobre as questões das minorias, assim como uma oportunidade para compartilhar as melhores práticas, analisar os desafios e criar oportunidades para a posterior implementação da Declaração sobre os Direitos das Pessoas Pertencentes a Minorias Nacionais ou Étnicas, Religiosas e Linguísticas.

Rimon, que é um correspondente do canal ISHTAR TV Broadcasting no Iraque, participou do programa para aprender sobre mecanismos de direitos humanos e para entregar a mensagem de seu povo. “Como jornalista, eu me esforço para expor o problema”, diz.

Segundo ele, depois de 2003, novas facções sectárias e doutrinárias criaram tensões e reforçaram questões de segurança no Iraque, incluindo para a minoria cristã. Além disso, avalia,

o Estado não tem fornecido a segurança e a proteção necessárias para seus cidadãos.

Rimon também afirma que muitos, particularmente na cidade iraquiana de Mosul, sofrem da incapacidade de vender ou alugar suas casas quando são expulsos de sua terra natal.

Na apresentação em Genebra, Suíça, o jornalista apelou pela integração do ensino de direitos humanos no currículo escolar iraquiano e pediu aos países anfitriões que forneçam condições decentes de vida para os cristãos iraquianos requerentes de asilo.

Após participar das cinco semanas do Programa de Bolsas para Minorias, Rimon planeja usar seu novo conhecimento adquirido para aumentar a consciência global das questões pertinentes à minoria cristã do Iraque.

Segundo relatos, no dia do Natal deste ano, cerca de 30 pessoas foram mortas nas áreas cristãs de Bagdá, capital do país. Um dos muitos ataques naquele dia incluiu um carro-bomba, que explodiu quando fiéis deixavam uma missa.

Fonte: <http://www.onu.org.br/quase-meio-milhao-de-cristaos-no-iraque-estao-em-constante-perigo-diz-defensor-bolsista-da-onu/> - 30.12.2013

Inserção Social pela Religião

Inaugurada a primeira Igreja Adventista para haitianos na América do Sul

Por: Leonardo Leite

Desde os terremotos no Haiti em 2010, o Brasil se converteu em refúgio para muitos haitianos.

A porta de entrada é no estado do Acre, que faz divisa com a Bolívia e, desde então, estima-se que mais de cinco mil haitianos chegaram ao Brasil.

Porto Velho tem recebido grande número de imigrantes, levando em consideração que, com o avanço da construção civil, eles tem mais oportunidades de emprego podendo ter uma renda um pouco superior a que teriam em seu país de origem.

Alguns desses imigrantes são adventistas e se percebeu vários haitianos espalhados pelas igrejas da capital de Rondônia, Porto Velho, surgindo a ideia inicial de reuni-los todos em um único local, sendo escolhida a Igreja Adventista Central de Porto Velho, que desde setembro de 2012 organizou uma unidade de escola sabatina em francês para atender esses imigrantes tornando-se o Centro Cultural Haitiano.

O movimento cresceu e viu a necessidade deles terem seu próprio local de reuniões, por isso foi dado início à construção de uma igreja para atendê-los.

O projeto da construção da igreja foi realizado e idealizado pelas secretárias e secretários das igrejas adventistas do norte de Rondônia e estado do Acre, liderados pelo pastor Abdoval Cavalcanti.

Mais de 90.000 R\$ arrecadados

Com os esforços deles, mais de 90 mil Reais foram arrecadados. Essa foi a segunda igreja construída com os recursos arrecadados pelas secretarias das igrejas. “Com grande satisfação e muito esforço conseguimos fazer com que essa obra fosse construída, com os esforços não só das secretárias, mas de todos os membros, pastores e toda a igreja em conjunto para que pudéssemos chegar onde chegamos hoje”, afirmou Clarinda de Jesus, secretária da igreja adventista Central de Porto Velho.

Mas de nada adiantaria construir a igreja para um pequeno grupo, pois inicialmente o projeto tinha a participação de seis haitianos, para que esse número crescesse, durante o mês de julho de 2013, foi realizado um evangelismo contextualizado e dirigido por haitianos, que contou com o apoio de brasileiros na doação de brindes, atendimento médico voluntário e arrecadação de alimentos.

Evangelismo contextualizado

O resultado é que o grupo de seis participantes hoje conta com a participação de mais de 30 imigrantes. E no dia 23 de novembro a realização do projeto foi concluída com a inauguração da primeira igreja étnica de língua francesa para haitianos da Divisão Sul Americana da Igreja Adventista do Sétimo Dia. A inauguração aconteceu com a presença dos administradores da região noroeste.

Na festa de inauguração mais de 150 pessoas estavam presentes, entre haitianos e brasileiros, que teve ainda presença de professores

universitários que coordenam projetos desenvolvidos para integração social dos imigrantes, que ressaltaram a importância de uma igreja nesse segmento.

“Faz parte da inserção social de um grupo de imigrantes as igrejas, além do lazer, da educação, da escola, eles precisam se reunir e as igrejas têm um papel importante na inserção social desses grupos”, afirmou Marília Pimentel, professora universitária.

“Nossa missão é para com todos os povos, então quando olhamos uma comunidade, uma cidade, uma região nós temos que perceber quem vive ali, porque para Deus o importante são as pessoas, e por ter aqui uma comunidade haitiana, nós tínhamos que olhar para eles, nós tínhamos que fazer alguma coisa por essas pessoas, então ter uma igreja para atender a comunidade haitiana aqui em Porto Velho, nada mais é que cumprirmos nossa missão”, concluiu o pastor Gilmar Zahn, líder da Igreja Adventista na região noroeste do Brasil.

Fonte: <http://oestrangeiro.org/2013/12/28/INSERCAO-SOCIAL-PELA-RELIGIAO/> - 28/12/2013

Francisco: Visita a Lampedusa marca primeiro ano de pontificado

O diretor do Serviço Jesuíta aos Refugiados em Portugal, André Costa Jorge, considera que a visita do Papa Francisco à ilha italiana de Lampedusa, a 8 de julho de 2013, foi um ato que transportou “a palavra” em “ação”.

“Desde o início do pontificado que Francisco torna real a opção da Igreja pelos pobres e a sua ida a Lampedusa marca um sentido mais do que propriamente uma palavra, é uma palavra feita ação. Ele ter ido lá despertou atenções porque depois de ele lá ter estado, Durão Barroso, presidente da Comissão Europeia, foi lá e outros chefes de estado olharam para Lampedusa”, disse em declarações à Agência ECCLESIA, André Costa Jorge.

“Lampedusa é um dos locais de chegada à Europa, são milhares de migrantes e refugiados que entram por ali, é o local onde milhares de pessoas morreram naquele mar a tentar chegar à Europa” e o facto de o Papa ali ter ido “chamou a atenção de todos e lançou pistas para um trabalho que está por fazer”, considera.

O economista e professor universitário Joaquim Cadete acredita por sua vez que a experiência de Jorge Bergoglio em Buenos Aires onde “lidou com assimetrias muito grandes dentro da sociedade” o leva a ser “um Papa qualificado e com um olhar

diferente sobre a crise atual e a forma de se lidar com ela”.

Comentando a frase do Papa que disse ‘Esta economia mata’, Joaquim Cadete confessa “alguma dificuldade em comentá-la por ser uma frase forte” mas entende que “o Papa quer alertar para o facto desta economia atual poder relegar a equidade para um segundo plano”, para a necessidade do capitalismo “ter alguns valores morais como base para não quebrar”.

“O que o Papa quer dizer é que a economia deve estar ao serviço dos homens e não o contrário” e ao dizer que queria uma Igreja pobre para os pobres Francisco lançou um desafio à Igreja e todas as suas instituições para “se abrir para os que estão na rua e precisam”, acrescentou André Costa Jorge.

“O Papa desafia-nos a ser mais eficazes a distribuir aquilo que temos, não desperdiçando. E dá o exemplo através dos seus gestos simples que tocam muito as pessoas levando-as a viver uma vida mais simples e o seu pensamento dá o exemplo até na própria Igreja”, reiterou Joaquim Cadete.

Fonte: <http://www.agencia.ecclesia.pt/cgi-bin/noticia.pl?id=99445> - 12.03.2014

Papa sobre a tragédia da imigração: é a globalização da indiferença

Peçamos ao Senhor a graça de chorar pela nossa indiferença, pela crueldade que reina no mundo, em nós e também naqueles que tomam decisões sócio-econômicas

O Papa Francisco realizou nesta segunda-feira sua primeira visita em território italiano. Ele foi a Lampedusa: uma ilha que faz fronteira entre a África e a Itália. A ideia de visitar a ilha nasceu por causa dos contínuos desembarques e naufrágios de imigrantes, sobretudo provenientes da África.

O ponto alto da visita do Papa Francisco a Lampedusa foi a celebração Eucarística, no campo esportivo de Arena.

Em sua homilia, o Papa afirmou: “os imigrados mortos no mar eram trazidos por embarcações, que ao invés de serem meios de esperança os conduziram à morte!” Ao saber destas notícias, que se repetiram numerosas vezes, disse o Papa, “meu coração ficou transpassado, como por um espinho, causando-me tanto sofrimento”.

Eis porque – disse o Papa Francisco – “decidi fazer esta visita aqui, para rezar e realizar um gesto de solidariedade, a fim de despertar as consciências para que tais tragédias não se repitam mais”.

Partindo da Liturgia do dia, o Papa propôs algumas reflexões para mover a consciência de todos e levar a tomar atitudes concretas para uma mudança radical da realidade.

“Muitos de nós, eu inclusive, somos desorientados, não damos mais atenção ao mundo em que vivemos, não temos cuidado com ele, não zelamos por aquilo que Deus criou para todos e não somos mais capazes nem de cuidar uns dos outros. Quando esta desorientação assume dimensões grandes como o mundo, acontecem tragédias como aquelas que assistimos”.

O Papa destacou que muitos dos nossos irmãos e irmãs procuravam e procuram fugir de situações difíceis, para encontrar um pouco de serenidade e de paz; buscam um lugar melhor para si e suas famílias; mas, quantas vezes não encontram compreensão, acolhida, solidariedade.

“Hoje, ninguém se sente responsável por isso; perdemos o sentido da responsabilidade fraterna; repetimos a atitude hipócrita do sacerdote e do servidor do altar, da qual Jesus fala na parábola do Bom Samaritano: olhamos o irmão meio morto à margem da estrada e, talvez, dizemos “coitadinho”, e continuamos a caminhar, pensando: “Esta tarefa não é minha”... e vivemos tranquilos.”

A cultura do bem-estar – afirmou o Papa –, nos leva a pensar só em nós mesmos, nos torna insensíveis ao grito de socorro dos outros, nos tornam como bolhas de sabão e nos deixam na indiferença, na ilusão. Estamos acostumados a ver os outros sofrerem.

“Somos uma sociedade que não sabe mais chorar. Eis a globalização da indiferença”, afirmou Francisco.

No final o Papa rezou: “peçamos ao Senhor a graça de chorar pela nossa indiferença, pela crueldade que reina no mundo, em nós e também naqueles que tomam decisões socioeconômicas, que abrem a estrada para dramas como estes. Peçamos perdão pela indiferença com tantos irmãos e irmãs; perdão pelos acomodados, fechados em seus corações anestesiados; perdão por aqueles que, por causa das suas decisões, em nível mundial, criaram situações que se concluem com estes dramas”.

Fonte: <http://www.aleteia.org/pt/mundo/noticias/papa-sobre-a-tragedia-da-imigracao-e-a-globalizacao-da-indiferenca-2231002> - 08.07.2013

Líderes Religiosos vêm “Mão de Deus” em Reforma Migratória

Organizações cristãs a favor da reforma baseiam seu apoio em diversas passagens bíblicas e parábolas.

Quando os legisladores retornarem aos seus distritos em agosto, provavelmente ouvirão opiniões calorosas sobre a reforma migratória de comerciantes locais, ativistas políticos, radialistas e residentes engajados no processo democrático. Entretanto, inúmeros líderes religiosos esperam que eles também ouçam a voz do Altíssimo.

“É bastante difícil argumentar teologicamente que Jesus se oporia à reforma migratória”, disse o Reverendo Samuel Rodriguez, líder da Conferência de Liderança Nacional Hispânica Cristã. “Além da questão de política pública, o coração de Deus é voltado àqueles que sofrem, oprimidos e marginalizados”.

O grupo de Rodriguez, que inclui mais de 40 mil congregações evangélicas em todo o país, é apenas uma das instituições religiosas que esperam influenciar o debate migratório neste outono, invocando as escrituras sagradas e a compaixão de Deus, do púlpito aos eventos políticos.

Organizações cristãs a favor da reforma baseiam seu apoio em diversas passagens bíblicas e parábolas; sendo a mais popular Mateus 25:35: “Eu estava faminto e você me deu o que comer; eu estava sedento e você me deu o que beber; eu era um estrangeiro e você me acolheu”. Levíticos 19 também é citado com frequência: “O estrangeiro que convive com você deve estar com você como se tivesse nascido entre você e você deve ama-lo como a si mesmo; pois foste estrangeiro nas terras do Egito”.

Além disso, há várias razões práticas para que essas entidades se engajem no movimento pró reforma migratória. Continuamente, os imigrantes estão se tornando a base das comunidades religiosas nos EUA, mesmo em distritos cuja maioria é branca. Quando imigrantes indocumentados enfrentam pobreza, problemas de saúde e deportações, eles recorrem às igrejas por ajuda.

“A maioria dos evangélicos que se interessam em imigração não estão focalizados na imigração como um assunto abstrato”, disse Russell Moore, chefe da Comissão de Ética e Liberdade Religiosa da Convenção Batista do Sul. “Eles estão interessados em pessoas nas suas igrejas que estão sujeitas a um sistema ultrapassado. Eles estão preocupados com famílias que têm sido separadas”.

O apoio religioso é antigo, entretanto, cresce de forma rápida na tentativa de aprovação de uma proposta que inclua a possibilidade de legalização dos indocumentados que poderá ser votada na Câmara dos Deputados, cuja maioria é republicana, depois do recesso de agosto. Algumas entidades religiosas, como a Conferência de Liderança Nacional Hispânica Cristã, estão focalizando especificamente congressistas republicanos indecisos ao pedir que membros de sua congregação participem de reuniões públicas nas prefeituras e visitem os escritórios dos

legisladores. Outros estão mais focalizados no apoio através de rezas e eventos comunitários.

A Conferência dos Bispos Católicos dos Estados Unidos está encorajando as dioceses locais a organizarem peregrinações, missas e sermões sobre o tema. Além disso, sugeriu que 8 de setembro fosse escolhido como o dia para os católicos rezarem e falarem sobre imigração.

A campanha “Bíblias, crachás e negócios”, formada por várias denominações religiosas, autoridades de segurança e comerciantes, planeja realizar 50 eventos em várias partes do país, incluindo mesas de debate, discursos e visitas às prefeituras. O Painel Evangélico de Imigração, uma coalizão formada por entidades evangélicas, visa cobrir 80 distritos congressionais com visitas, ligações telefônicas e campanhas, segundo Jim Wallis, fundador do “Sojourners” (Peregrinos), uma organização nacional cristã voltada à justiça social e racial.

“Quando um pastor com 5 mil membros em sua igreja liga para o seu membro do Congresso, ele atende o telefone”, disse Wallis.

Em maio de 2013, uma pesquisa realizada pela Pew Research Center’s Religion and Public Life Project estimou que nas últimas duas décadas os EUA receberam cerca de 12.7 milhões de imigrantes que se identificaram como cristãos. Aproximadamente, 60% dos novos imigrantes legais que entraram no país ano passado são cristãos. Entre os imigrantes indocumentados, a porcentagem de cristãos é ainda muitíssimo maior, ou seja, mais de 8 em 10 estrangeiros são cristãos, revelou o estudo, totalizando cerca de 9.2 milhões de indivíduos que vivem no país atualmente.

“O futuro de nossas igrejas, todas elas, católica, batista do sul, evangélica; o futuro de nossas igrejas está nas mãos dos imigrantes”, disse Wallis. “Eles são o nosso futuro”.

Estimativas preveem que até 2030 a maioria dos evangélicos nos Estados Unidos será latina. “O futuro do evangelismo americano está nas mãos do debate sobre a reforma migratória”, disse o ativista Rodriguez. “Então, trata-se de uma questão de sobrevivência”.

Fonte: <http://www.csem.org.br/index.php/csem/noticias/1538-lideres-religiosos-veem-mao-de-deus-em-reforma-migratoria?highlight=YToxOntpOjA7czo4OiJyZWxpZ2lvbiI7fQ==> 07.08.2013

ENGLISH

Catholics, Evangelicals team up in pressing for immigration reform

In a joint letter to members of Congress, Catholic bishops and evangelical leaders pleaded for "common sense fixes to our immigration policies" by passing legislation this year.

In the Feb. 26 letter, 11 bishops and half a dozen evangelical leaders said that as religious leaders, "we live every day with the reality that our immigration system does not reflect our commitment to the values of human dignity, family unity and respect for the rule of law that define us as Americans."

At a briefing earlier in the week, the prospects for passage of an immigration bill this term were described as not impossible, but complicated.

Among the Catholics signing the letter were Auxiliary Bishop Eusebio L. Elizondo of Seattle, chairman of the Committee on Migration of the U.S. Conference of Catholic Bishops, and the immediate past chairman, Los Angeles Archbishop Jose H. Gomez.

The key evangelical signers included Leith Anderson, president of the National Association of Evangelicals; the Rev. Samuel Rodriguez, president of the National Hispanic Christian Leadership Conference; the Rev. Gabriel Salguero, president, National Latino Evangelical Coalition; and the Rev. Jim Wallis, founder and president of Sojourners.

The letter said the signers each day "witness the human tragedies created by our current system, including the separation of families and the violation of basic human dignity."

Echoing the language about the "rule of law" used by some opponents of immigration reform, the leaders said that "as a nation founded upon the principles of the rule of law and the centrality of family, we can no longer delay fixing this system."

It said they are hopeful for legislation that "respects the God-given dignity of every person, protects family unity, respects the rule of law, guarantees the integrity of our national borders, ensures fairness for taxpayers, and makes it possible for undocumented immigrants who meet the requirements to become citizens if they desire."

Other Catholic bishops signing the letter included: Bishop Daniel E. Flores of Brownsville, Texas,

Auxiliary Bishop John R. Manz of Chicago; Cardinal Theodore E. McCarrick, retired archbishop of Washington; Bishop Anthony B. Taylor of Little Rock, Ark.; Bishop Kevin W. Vann of Orange, Calif.; Bishop Nicholas DiMarzio of Brooklyn, N.Y.; Archbishop Thomas G. Wenski of Miami; Bishop John C. Wester of Salt Lake City; and Auxiliary Bishop Luis R. Zarama of Atlanta.

In a teleconference about the letter, Wenski said: "There is more at stake in this debate than the next election. The outcome will set the tone for the rest of the century. Either we can choose to turn away from our heritage and our track record of integrating immigrants, or we can embrace it and use it to our advantage."

DiMarzio said in the teleconference that the political debate over immigration reform often ignores the humanitarian consequences of the current system. "Families are ripped apart, migrant workers are exploited, and human beings continue to die in the desert. This suffering must end."

While the Catholic bishops have pushed for immigration reform for decades, evangelicals have come later to the cause. Anderson and Rodriguez, Wallis and Salguero in particular, have become regular activists in efforts to rally Christians to support comprehensive reform legislation.

The other evangelicals signing the letter were Stephan Bauman, president and CEO of World Relief; Russell D. Moore, president, Ethics & Religious Liberty Commission of the Southern Baptist Convention; Noel Castellanos, CEO, Christian Community Development Association; and Mathew Staver, founder and chairman of Liberty Counsel.

In the teleconference, Rodriguez said the collaboration by Catholics and evangelicals marked "a new day."

He said it is "morally reprehensible and counter to the teachings of Christ to continue to sacrifice 11 million lives on the altar of political expediency."

Wallis said the unified voice shows that the Christian community is united in believing "immigration reform should not be a victim of our dysfunctional politics. In an era defined by partisanship, immigration reform should be the

great exception, the great exemption, to politics as usual."

At a short Feb. 24 briefing on the prospects for reform legislation this term, Kevin Appleby, director of migration policy and public affairs for the USCCB, told participants in a conference on immigrant integration that he believes the door to passage is still open.

Appleby said he's hopeful, despite recent comments by House Speaker John Boehner that "threw cold water" on hopes arising from the announcement a week earlier of Republican principles for reform.

Boehner "said it would be very difficult to pass," said Appleby. "He didn't say it was impossible."

Boehner's rationale, that Republicans in the House didn't trust the Obama administration to enforce the law on immigration, was weak, he said.

"The fundamentals are in our favor," Appleby said. Among those fundamentals, he said, is that both political parties need immigration reform to pass before the next presidential election in 2016.

"The Democrats need to deliver" on promises to fix problems with the current system, he said. "And Republicans need it off the table," lest Latino voters who turned against the party in 2012 again hold Republican candidates responsible for failure to address the problem.

Fonte: <http://www.csem.org.br/index.php/csem/noticias/2303-catholics-evangelicals-team-up-in-pressing-for-immigration-reform> 27.02.2014

Study: Muslim job candidates may face discrimination in Republican states

Neha Sahgal

A new study by Carnegie Mellon University found that in the most Republican states in the country, employers may be less likely to interview job candidates whose social networking profiles indicate that the applicants are Muslim. As part of a social experiment, the researchers created four fictitious job candidates – each with a unique name that most likely points to someone who is male, U.S. born and Caucasian. The candidates had identical resumes. The researchers also created social network profiles for each of the candidates that revealed either his sexual orientation or whether he was a Muslim or Christian. All other information, including the profile photograph used for each candidate, was the same. The resumes, which did not mention the candidates' online profile, were then sent out to more than 4,000 employers nationwide with job openings.

Readers should note that the study's authors did not design the pool of open jobs to be representative of all jobs available in the country, or in Republican-leaning or Democrat-leaning states. The number of job vacancies varied from state to state, and overall, a smaller share of all open jobs was located in Republican states.

In both Republican and Democratic states, there was no difference between the call backs received by the gay candidate as compared with the straight candidate. But in the Republican states, the Christian candidate received more interview calls than the Muslim candidate. In the 10 states with the

highest proportion of Republican presidential candidate Mitt Romney voters in the 2012 election, 17% of Christian applicants received interview calls, compared with 2% of the Muslim job candidates. There were no differences in call backs received by the Christian and Muslim candidates in the 10 states with the lowest proportion of Romney voters.

The study is not the first to pick up on perceived negative views of Muslims in America. Nearly half of Muslim Americans pointed to either negative views about Muslims (29%) or discrimination and prejudice (20%) as the most pressing issues facing their community in a 2011 Pew Research Center survey. At the same time, however, more than half (56%) of Muslim Americans surveyed also said that they are satisfied with the way things are going in the country.

The Carnegie Mellon study also seems to support our findings about workplace treatment of lesbian, gay, bisexual and transgender Americans. An overwhelming proportion of LGBT Americans say they are more accepted in society today than they were 10 years ago, according to our 2013 survey. When asked about specific experiences with discrimination, 5% of LGBT Americans say that in the past year they have been treated unfairly by an employer because of their sexual orientation or gender identity.

Fonte: <http://www.pewresearch.org/fact-tank/2013/11/26/study-muslim-job-candidates-may-face-discrimination-in-republican-states/>

10 Myths About Muslim Immigrants in the West

Doug Saunders

This is adapted from my book *The Myth of the Muslim Tide*, now available in paperback in Canada, the United States, Germany and Sweden. A version of this list appeared in the Huffington Post.

1. Muslims have a higher birth rate than other religions, and will take over the world by population

Two generations ago, it seemed as if Islamic countries were destined for out-of-control population growth. People spoke of an “Islamic fertility rate” — more than 5 children per family, on average — and predicted minaret spires foresting the Earth.

Today, it is readily apparent that Islam is not connected with population growth. Just look at Iran, the world’s only Islamic theocracy, where the average family had around 7 children in the 1980s — and has 1.7 today, a lower rate than France or Britain. Or look at the United Arab Emirates, with 1.9 children per family. Or Turkey, ruled by an elected party of devout Muslims for a decade, which now has 2.15 children per family. Or Lebanon, which, despite Hezbollah’s rise, has only 1.86 children per family (so that its population will soon be shrinking).

Around the world, the global average Muslim family size has fallen from 4.3 children per family in 1995 to 2.9 in 2010, and is expected to fall below the population-growth rate, and converge with Western family sizes, by mid-century. This is a crucial sign that Muslim societies are undergoing a major modernizing, secularizing wave — even if they elect Islamist parties while doing so.

2. Immigrants from Muslim countries are going to swamp us

People look at the huge families of many new Muslim immigrants and imagine them multiplying at exponential rates. But this is a bit of an illusion — as are many of the figures suggesting that Muslim immigrants have fertility rates higher than in their homelands. This is because most new immigrants have most of their children in the years immediately after their arrival. The way we calculate Total Fertility Rate — the measure of average family size — is by taking the total number of births a woman has had and extrapolating it across her fertile life. As a result, because immigrants tend to have most of their children soon after arriving, scholarly

analyses of their actual family sizes show that they appear to have more children than they really do.

In reality, the family sizes of Muslim immigrant groups are converging fast with those of average Westerners — faster, it seems, than either Jewish or Catholic immigrants did in their time. Muslims in France and Germany are now having only 2.2 children per family, barely above the national average. And while Pakistani immigrants in Britain have 3.5 children each, their British-born daughters have only 2.5. Across Europe, the difference between the Muslim and non-Muslim fertility rate has fallen from 0.7 to 0.4, and is headed toward a continent-wide convergence.

3. Muslims will become a majority in European countries

In fact, we now have several large-scale projections based on population-growth trends and immigration rates which show that the Muslim populations of Europe are growing increasingly slowly and that by the middle of this century — even if immigration rates are not reduced — the proportion of Muslims in Europe will probably peak somewhere short of 10% (it is currently around 7%). By that point, Muslims will have family sizes and age profiles not that different from Europe in general.

4. Muslims will become a dominant group of cultural outsiders in the United States

Despite the hysterical rhetoric coming from Newt Gingrich, Michelle Bachmann and their ilk, Muslims there are not only a very tiny group, but they are also one of the most integrated groups in the country — especially if you consider that 69% of American Muslims are first-generation immigrants, and 71% of those immigrants arrived after 1990.

There are only 2.6 million Muslims in the United States today. By 2030, that number is likely to rise to 6.2 million (because Muslims are young and fertile) — at which point Muslims will be 1.7% of the population, almost as numerous as Jews and Episcopalians.

Even though they’re new, American Muslims tend to be economically successful and highly educated. With 40% of them holding a college degree, they’re the second most educated group after Jews — and far more educated than Americans in general, only 29% of whom have a degree.

5. Muslim immigrants in the West hold the same backward views that Muslims do in the Middle East and Pakistan

Actually, Muslims change their cultural views dramatically when they emigrate. For example, 62% of American Muslims say that “a way can be found for the state of Israel to exist so that the rights of Palestinians are addressed” — a rate barely lower than that of average Americans (67%), and vastly ahead of the miniscule response among Middle Eastern Muslims — for whom between 20% and 40% agreed with that statement.

Similarly, 39% of American Muslims and 47% of German Muslims say they tolerate homosexuality, compared to single-figure responses in most Islamic countries — and those rates are rising with each immigrant generation. On these important questions, Muslim immigrants are converging with Western values fast.

6. Muslims in America are more loyal to their faith than their country

True, 49% of Americans from Muslim backgrounds say they consider themselves “Muslim first and American second” and 47% claim to attend a mosque on Friday. But you have to compare that to American Christians, 46% of whom say they identify themselves as “Christian first and American second” (that number rises to 70% among Evangelicals). And 45% of American Christians attend a church service every Sunday.

In other words, Muslims have adopted exactly the same rate of religious observance as the people around them in their host country. We see this just as strongly in France, where a fifth of Muslims are atheist and only 5% attend a mosque regularly — almost the same rate as French Christians.

7. Poor Muslims are flooding out of overpopulated countries into the West

In fact, the poorest most overpopulated Muslim countries are producing the least emigration — and very little of it is to the West. Immigration tends to come from the countries with the lowest population-growth rates, and it's rarely to the closest countries.

Muslims are far from the largest immigrant group — even in countries that immediately adjoin the Islamic world. In Spain, which lies across a narrow state from poor Arab countries, only 13% of immigrants are Muslim: Most have come from Spanish-speaking countries across the Atlantic. In Britain, only 28% of immigrants are Muslim. And those numbers do not seem poised to increase.

8. Muslim immigrants are angry at the society around them

In fact, Muslim immigrants appear to be more satisfied with the world around them, and its secular institutions, than the general population. Muslim immigrants in the United States are more likely to say they are “satisfied with their lives” (84%) than average Americans are (75%) — and that number rises to 90% for American-born Muslims. Even among Muslims in neighbourhoods where the community mosque has been vandalized — an increasingly frequent occurrence — fully 76% say that their community is an “excellent” or “good” place to live.

This usually extends into pride in national institutions. For example, 83% of British Muslims say they are “proud to be a British citizen,” versus only 79% of Britons in general — and only 31% of Muslims agree that “Britain’s best days are behind her,” versus 45% of Britons in general.

9. Muslims in the West cheer for terrorist violence

While it might seem chilling to learn that 8% of American Muslims feel that violence against civilian targets is “often or sometimes justified” if the cause is right, you have to compare that to the response given by non-Muslim Americans, 24% of whom said that such attacks are “often or sometimes justified.”

This is reflected in most major surveys. When a large-scale survey asked if “attacks on civilians are morally justified,” 1% of the French public, 1% of the German public and 3% of the British public answered yes; among Muslims, the responses were 2%, 0.5%, and 2%. Asked if it is “justifiable to use violence for a noble cause,” 7% of the French public agreed, along with 8% of French Muslims; 10% of the German public and fewer than 2% of German Muslims; 10% of the British public and 8% of British Muslims. This may well be because 85% of the victims of Islamic terrorism are Muslims.

10. Muslims have become so populous that the most common baby name in Britain is now Mohammed.

This is true — but it means far less than you'd think. In 2010, if you combined all 12 spelling variants of the Islamic prophet's name, “Mohammed” was more popular than any other name given to new babies.

But that's more a consequence of naming trends than anything else. In a great many Muslim cultures, all male babies are given “Mohammed” as an official first name. But among many Westerners

— especially white Anglo-Saxons and black Christians — there has been an explosion in unorthodox baby names: as of 2011, these groups are 50% more likely than they were a generation ago to give their children uncommon baby names.

As a result, Mohammed manages to reach the Number 1 spot without being all that common — when combined, babies named after the Islamic prophet made up only 1% of British newborns in 2010.

Fonte: <http://dougsaunders.net/2013/09/10-myths-about-muslim-immigrants-in-the-west/> 12.09.2013

A spiritual retreat in Dubai keeps the faith alive among migrants in the Middle East

Fr Errol Fernandes, a Jesuit, talks to AsiaNews about Christian workers bearing witness to their faith in the countries of the Persian Gulf. From 4 to 6 November, the priest led a spiritual retreat in Dubai on the occasion of the Year of Faith, on behalf of Churches that exist because of the presence of migrants. Wherever freedom of religion exists in Arab countries, Christianity is alive and vibrant. For the clergyman, those who are persecuted live like Christ and their witness brings new life to the Church.

Nirmala Carvalho

"Asian migrant Christians keep the faith alive in the Middle East," said Fr Errol Fernandes SJ, principal at St Xavier's College in Mumbai, who spoke to AsiaNews about the many retreats he has organised in recent years around the world, including the Arab world and the Persian Gulf (except for Saudi Arabia).

Fr Fernandes described his experience among Christian migrants, and spoke about the pope's call "not [to] resign ourselves to imagining a Middle East without Christians" last Thursday during the Plenary Assembly of the Congregation for the Oriental Churches. Indeed, the pope cares about the situation of Christians who suffer persecution and restrictions in Syria, Turkey, Egypt and other places. "Fear should never govern our lives," he added citing Francis. "This means that everyone should be free and wherever they live, they should have the opportunity to practice their faith."

From 4 to 6 November, Fr Fernandes led a prayer retreat in Dubai (United Arab Emirates) titled 'Rekindle the Fire'. For the clergyman, the Dubai meeting was an opportunity to experience the overall theme of the Year of Faith, which calls on the faithful to invigorate our beliefs, return to our roots and look with confidence and courage towards the future.

In your view, can the overwhelming response to prayer retreats by many Asian Christian migrants in the Middle East be a sign of hope for Christianity in the Middle East?

In recent months, many people have written to me to say that they were helped by the discussions and activities that took place at the retreats. Although many letters express an individual point of view, I am convinced that somehow these

experiences will also seep into the community as a whole.

I always thought that if we let Him act, God can do great miracles. This is the reason why I continue to pray for God to stop me from interfering with the suggestions of the Holy Spirit, which speaks in a language that everyone can understand.

In your recent retreat in Dubai, what situation did you find with respect to the risks Christians endure in Syria and Egypt?

I have been to many countries in the Middle East at different times, but I especially visited those in the Gulf: Bahrain, UAE, Qatar, Kuwait and Oman. In all these countries, Christianity is alive and vibrant. The Church runs many facilities and in recent years, local rulers have been tolerant towards Christianity.

Although I have no news about the actual situation of Christians in Syria and Egypt, it is a historical fact that wherever the religion of Christ was persecuted, it has always flourished. Jesus lived his life amid persecution and hardships. Those who live in the same state have the power to do as He did.

How was the retreat in Dubai?

The theme was "Rekindle the fire." Fire is a powerful symbol and can mean many things. It may indicate the Holy Spirit, often depicted as tongues of fire, or it may represent the fire of Jesus when He chose to begin his mission, as in the Gospel of Luke: "I have come to set the earth on fire". The flames may also represent what burns in our heart, which must be always rekindled with the light and the gift of faith.

The general theme of the Year of Faith was about returning to our roots, an invitation to go with confidence and courage towards the future. I hope this retreat has been a starting point for such a journey.

What is the situation for migrants in Dubai? Can families live their faith?

Churches welcome US Senate passing of immigration act

David Crow

Church-backed groups have praised the U.S. Senate after passing a comprehensive but not perfect immigration act Thursday.

Church World Service, one of nine organizations working with the State Department to resettle refugees in United States praised the Senate on S. 744, The Border Security, Economic Opportunity, and Immigration Modernization Act with "a robust bipartisan majority of 68-32."

"This vote represents a historic landmark in the path to justice for millions of families across our nation who have spent too long facing family separation wrought by our broken immigration system," said the Rev. John McCullough, president and CEO of Church World Service.

U.S. News and World Report noted that the legislation "will put 11 million immigrants who entered the country illegally on a path to citizenship, boost border security and set up a system to keep American business owners from hiring illegal immigrants."

CWS, an ecumenical grouping works with partners to eradicate hunger and poverty and to promote peace and justice around the world.

"This unprecedented legislation will help reunite families, create a pathway to citizenship and improve the lives of refugees," it said in its statement.

CWS did not, however, support the additional border security provisions added to the Senate bill and remains opposed to the changes regarding siblings and married children over age 31, CWS did support the overall bill.

"While the bill is not perfect, it certainly is an improvement over the status quo," added

In the UAE, some migrants have found good jobs with decent wages, enough to live a comfortable life. These families are grateful to the leaders of the countries in which they live for their good will and for the benefits they receive. Unfortunately, there are many people who find it difficult to survive, but they stay because their situation is better than at home.

<http://www.asianews.it/news-en/A-spiritual-retreat-in-Dubai-keeps-the-faith-alive-among-migrants-in-the-Middle-East-29649.html> - 26/11/2013

McCullough. "This bill will improve the lives of millions of aspiring Americans."

Immigration reform surely will face challenges in the House, and CWS said it will work with Representatives, the conference committee, and the administration to see that the final legislation reunites families, protects refugees, meets the needs of border communities, and provides a pathway to citizenship for as many people as possible.

CWS said it will continue to advocate for immigrants' rights on national, state and local

levels because even this great step forward is not the end of the road to justice.

In Kalamazoo, Michigan, the Hispanic American Council at a meeting Thursday both celebrated and informed local residents on the Senate's passing the historic immigration legislation during its monthly meeting at St. Joseph Catholic Church.

Lori Mercedes, executive director of the Hispanic American Council, said that the bill's passing gives a special meaning to the community because of The Kalamazoo Promise, the universal scholarship program for graduates of Kalamazoo Public Schools, mlive.com reported.

"For the first time there isn't a fear the INS (Immigration and Naturalization Service) will come and take students' parents away while they're off at school," Mercedes said.

"This is a great victory as we see results materialize for the 11 million immigrants in this country.

Fonte: <http://www.ecumenicalnews.com/article/churches-welcome-us-senate-passing-of-immigration-act-22314> - 28/06/2013

World churches body troubled at Swiss vote to restrict immigration

Peter Kenny

The head of the Geneva-based World Council of Churches has warned that a Swiss referendum vote backing restrictions of immigration from the European Union could have "adverse effects" on international organizations.

"We stand with our member churches here in Switzerland who have made it clear that Switzerland needs to continue being a place that welcomes the stranger," the WCC general secretary Rev. Olav Fykse Tveit said in a statement on Monday.

The Federation of Swiss Protestant Churches said in a statement it regrets the acceptance by a narrow majority of the federal popular initiative "Against mass immigration."

It called for an application of the law that respects international and human rights law and the free movement of people.

"The Federation of Protestant Churches calls for the maintenance of family unification. Human rights, such as family life cannot be limited by a quota: these rights are universal and indivisible."

The referendum held in Switzerland the previous day registered 50.3 percent of votes in favour of strict quotas for immigration, which can impact the Swiss-EU agreement on freedom of movement.

It was a razor-thin number of 19,526 voters who backed the rightwing initiative going against the advice of the Swiss government, business and church leaders.

Switzerland is not a member of the EU but it has adopted a number of EU policies including the Schengen visa system governing free movement of people through Europe.

The WCC's Tveit said, "There are other potential ramifications to this vote that could adversely affect the WCC and other international organizations working in Geneva and throughout Switzerland.

"We depend on the diversity of our staff and the gifts they bring to represent our global fellowship of

churches. To be able to maintain this, we need to learn more from the Geneva and Swiss authorities about the impact of the law," he noted.

500 MILLION CHRISTIANS

The WCC is a grouping of churches representing more than 500 million Christians from Protestant, Orthodox, Anglican and other traditions in over 110 countries.

More than 40 international organizations are based around Geneva, in the French-speaking part of Switzerland, which was one region that voted against the initiative.

A plethora of United Nations organizations are based in Geneva and multi-national corporations are based in different parts of Switzerland, companies such as food giant Nestlé, drug makers Novartis and Roche and commodities companies like Glencore Xtrata and Louis Dreyfus Commodities.

The move was put forward by the Swiss People's Party which is opposed to foreigners coming into the country and is opposed to ties with the EU.

More than 20 percent of Switzerland's 8 million residents are foreigners.

The yes vote means that Switzerland will have to renegotiate its bilateral accord with the EU on the free movement of people within three years or revoke it. This in turn could threaten other bilateral agreements with the 28-nation EU.

The European Commission, the EU's executive body, said in a statement it regretted that the vote had passed.

"This goes against the principle of the free movement of people between the European Union and Switzerland. The Union will examine the implications of this initiative on Swiss-EU relations as a whole," said the statement.

Fonte: <http://www.ecumenicalnews.com/article/world-churches-body-troubled-at-swiss-vote-to-restrict-immigration-22726-10.02.2014>

Most Undocumented Immigrants Are Christians From Latin America and Caribbean

Leonardo Blair

An estimated 83 percent, or 9.2 million, of the 11.1 million people living in the United States illegally are Christians from Latin America and the

Caribbean, according to a recent study by the Pew Research Center's Forum on Religion & Public Life.

The study highlights this and other findings in an examination of recent trends in the geographic

origins and religious affiliation of immigrants to the United States.

It also reveals that the share of Christians among undocumented immigrants is slightly higher than the percentage of Christians in the U.S. population as a whole. As of 2010, Christians were estimated to make up just under 80 percent of U.S. residents of all ages.

According to the study, in the last 20 years, the United States has also granted permanent residency status to an average of one million people annually through various means.

In the last two decades, an estimated 600,000 Christian immigrants have been granted permanent resident status annually. And although this figure accounts for the largest share of any religious group, the share of Christians granted permanent resident status has dropped seven points in the last decade.

An estimated 68 percent of legal permanent residents in 1992 were Christians compared with an estimated 61 percent in 2012. This is reflective of the smaller percentage of permanent residents who now originate from Europe and the Americas.

"Annual levels of legal Christian immigration appear to have been lower in the late 1990s (around 430,000 per year), while the recent peak (more than 800,000) was in 2006. The number of legal Christian immigrants per year has declined somewhat since 2006, and is estimated at 620,000 for 2012," notes the Pew Research Center.

The Pew estimates also show an increase in the percentage of religious minorities, including Muslims and Hindus, which reflects the growing share of permanent residents originating from geographic areas such as Asia, sub-Saharan Africa and the Middle East-North Africa region.

On May, 8, just one day before the Senate began their first markup of a bipartisan immigration reform bill, the Evangelical Immigration Table (EIT) launched "Pray for Reform: 92 Days of Prayer and Action to Pass Immigration Reform."

The effort is a grassroots and digital campaign lobbying evangelical communities in all 50 states and Congress to pass "commonsense" immigration reform.

"We understand that opponents of immigration reform will not make voting for reform politically easy, and we recognize the divisiveness surrounding the immigration debate and deeply held feelings of your constituents," noted the EIT in an open letter to Congress earlier this month.

"However, we believe the moral case for reform is clear. As such, we commit to supporting you in taking courageous votes both now and in the future. And we pray that God gives you wisdom and courage as you deliberate and vote on legislation we believe is vital for the future of our churches and our nation," it continued.

During the launch of that campaign, president and CEO of Sojourners and left-leaning evangelical leader Jim Wallis warned legislators to avoid tangling immigration reform with same-sex marriage issues, which could threaten bipartisan support for the bill.

"I support equal protection under the law but I think this is the wrong place in the wrong time to try and resolve this contentious issue. This must be a bipartisan bill. Our focus must be on the 11 million undocumented and vulnerable people who this is their time, their chance, this is their moment," said Wallis.

Fonte: <http://www.christianpost.com/news/most-illegal-immigrants-are-christians-from-latin-america-and-caribbean-96271/> - 20.05.2013

Influx of Christian and Muslim immigrants changing Canada's religious makeup

Benjamin Shingler

Lonely, depressed and missing her family in the Philippines, Cosette Pena looked to God in hopes of finding comfort in her new adoptive country.

Now, 20 years after it was founded in 1992, the tiny evangelical church in Montreal where Pena forged vital links to the Filipino community in Canada is bursting at the seams with new members and searching for a new, larger building to call home.

"I found a connection immediately because the people are so friendly," said the 53-year-old Pena, one of thousands of Filipinos who have settled in

Canada through the federal government's live-in caregiver program.

"If people have problems – they are depressed, they miss their families – then it's a way of coping."

The Philippines emerged between 2006 and 2011 as a leading country of birth for people who immigrated to Canada during those five years,

An estimated 152,300 of newcomers who arrived in Canada between 2006 and 2011 – about 13.1 per cent – were born in the Philippines, Statistics Canada reported Wednesday as it released the first

tranche of data from its 2011 National Household Survey.

The survey showed the Philippines as “the leading country of birth” for Canadian immigrants during that five-year period – but a note in the release Wednesday said the result “was not in line” with data from Citizenship and Immigration Canada.

“A number of factors could explain this difference, such as the effects of sampling, response patterns, and under- or over-estimation of certain groups of recent immigrants in the NHS.”

While the Christian faith continues to dominate Canada’s immigrant profile, its proportion has been steadily fading. Where more than 78 per cent of immigrants to Canada prior to 1971 identified themselves as Christians, that proportion has dropped to 47.5 per cent among those who arrived over the past five years, the survey found.

Meanwhile, the Muslim, Hindu, Sikh and Buddhist faiths have been growing, claiming 33 per cent of those immigrants who arrived between 2001 and 2011. Among those who arrived before 1971, that share was just 2.9 per cent. All told, the four religions accounted for some 2.4 million people in Canada in 2011, about 7.2 per cent, compared with 4.9 per cent a decade earlier.

And then there’s the non-believers: nearly one-quarter of the Canadian population, some 7.8 million people, claimed no religious affiliation in 2011, up from 16.5 per cent in 2001.

The arrival of religious immigrants has worked to offset the country’s growing secular population, said Morton Weinfeld, a sociology professor at McGill University in Montreal.

“To a certain extent, this adds a level of traditionalism to Canadian society,” Weinfeld said. “There is probably a higher level of commitment (among immigrants) to their respective faiths.”

Unlike its predecessor, the cancelled mandatory long-form census, the results of the 2011 survey come with a caveat: because the NHS was voluntary, Statistics Canada warns that its findings carry a greater risk of “non-response error.”

For many immigrant groups, religion plays a vital role as new arrivals to Canada contend with the often confounding challenges and difficulties that come with establishing a new home in a completely different country, he added.

“Churches or mosques or even some synagogues help in the adjustment and integration process.”

Pena’s church is located in Montreal’s Cote-des-Neiges neighbourhood, one of the most densely populated and ethnically diverse in Canada.

The First Filipino Baptist Church of Montreal is one of three small evangelical churches that have popped up on a two-block stretch.

In its earliest years, the congregation amounted to about a dozen people, made up mostly of Filipinas who came to Canada under the caregiver program, said Chamberlina Lazaga, who joined the church when she arrived in Canada in the early 1990s.

“To be away from family, it’s hard,” Lazaga said. “So we founded this second family.”

Today, the church plays a key role in assisting new members arriving from the Philippines get settled in Canada, helping them to find an apartment, collect furniture and amass the necessary clothing for the harsh Canadian winter.

“It’s not only spiritually, it’s all aspects of life,” Lazaga said.

The ranks of the church’s congregation swelled gradually as the women who founded it became landed immigrants, sponsored their husbands, and had more children.

Membership now totals more than 100 people, forcing the church to divide its service into two separate Sunday services.

For the moment, the service is held in a space about the size of a coffee shop on the ground floor of a modest two-storey brick building, while the basement and the top floor are reserved for Sunday school.

Like many Filipinos, Pena was raised as a Catholic, but turned to her new Baptist faith in Singapore, where she worked as a nanny before moving to Montreal.

She became a Canadian citizen in July 1999. She continues to work as a nanny for a French-speaking family, and says the church has been a source of strength through the years.

“I truly believe only God can help people in terms of their problems in life,” she said.

“For us, it is very fulfilling.”

Fonte: <http://globalnews.ca/news/544506/influx-of-christian-and-muslim-immigrants-changing-canadas-religious-makeup/> - 08.05.2013

La Inmigración Dispara los Centros de Culto en Catalunya

Con la llegada de extranjeros ha aumentado la presencia de religiones minoritarias. Los centros sijis, por ejemplo, han pasado de ser cinco a llegar a los nueve. En Catalunya se contabilizan un total de 600 iglesias evangélicas.

Si bien es cierto que ahora muchos inmigrantes optan por regresar a su país de origen ante la dificultad de encontrar un empleo aquí, en la última década han llegado un millón de extranjeros a Catalunya. Con ellos, también se han multiplicado los lugares de culto, sobre todo de religiones minoritarias en España, como el budismo o el hinduismo. Desde el departamento de Afers Religiosos de la Generalitat recuerdan a 20 minutos que es imposible saber cuántos fieles hay. El católico, por ejemplo, es aquel que asiste a misa los domingos y en determinadas fiestas, pero también lo es el que no va nunca a la iglesia pero que se considera católico. Es por ello que se toma como referencia el número de lugares de culto de cada religión.

Según el Institut d'Estadística de Catalunya, en 2004 había ocho iglesias ortodoxas, mientras que en 2010 (los últimos datos disponibles), había 30, un 275% más. También han registrado un incremento espectacular, del 180%, los centros sijis, al pasar de 5 a 9. Los centros hinduistas han crecido un 112,5%, al pasar de 16 a 30, y los budistas, un 96,4%, al pasar de 42 a 55 centros.

Se reducen un 10,9% los testigos de Jehová

Los únicos que tienen menos lugares de culto que antes son los testigos de Jehová, que se han reducido un 10,9%, al pasar de 147 a 131. La Iglesia de Jesucristo de los Santos de los Últimos Días, el taoísmo y el judaísmo cuentan con los mismos centros que en 2004: son 14, 6 y 4, respectivamente. En términos absolutos son los centros evangélicos y los islámicos los que más han crecido los últimos años. En Catalunya, hay 600 iglesias evangélicas, un 75,9% más que en el año 2004, cuando había 341, y 195 mezquitas y oratorios islámicos, frente a los 169 de hace nueve años, lo que supone un incremento del 44,4%. En cualquier caso, la mayoría de lugares de culto son católicos, pues hay 6.729. El dato no se puede comparar porque no se incluyó en recuentos anteriores, pero desde Afers Religiosos aseguran que prácticamente no se han cerrado parroquias ni conventos pese a que «la secularización en Europa Occidental es más evidente que en otros países».

Fonte:

<http://www.20minutos.es/noticia/1825434/0/inmigracion/culto/catalunya/#xtor=AD-15&xts=467263> 27.05.2013

Toribio Romo, el santo que "rescata" a migrantes en México

La leyenda cuenta que un migrante que tenía varios días extraviado en el desierto entre México y Estados Unidos se encontró de pronto con un joven alto, de piel blanca y ojos claros quien le ofreció agua, ayudó a encontrar el camino y hasta le prestó unos dólares.

Alberto Nájjar

Cuando preguntó cómo podría pagar el dinero, el desconocido pidió que le buscara en Santa Ana de Guadalupe, en Jalisco. Años después el joven viajó a México para saldar su deuda, pero cuando llegó al pueblo descubrió que su salvador murió en 1928, había sido sacerdote y su imagen era venerada en la capilla del pueblo.

El nombre del desconocido es Toribio Romo González, asesinado durante la Guerra Cristera

que ocurrió entre 1928 y 1931, cuando el gobierno mexicano prohibió el culto religioso en el país.

Grupos armados cercanos a la Iglesia Católica enfrentaron al Ejército, especialmente en los estados del centro mexicano. En las batallas varios sacerdotes fueron asesinados por los militares, entre ellos Toribio Romo quien fue canonizado en 2000 por el Papa Juan Pablo II.

Hasta ahora nadie ha encontrado al joven rescatado del desierto, e incluso no hay certeza de

su identidad: algunos dicen que se llama Juan, otros aseguran que es Otilio. Lo único claro es que a partir de ésta y otras historias similares Toribio Romo se ha convertido prácticamente en el santo de los migrantes, cuya historia recordamos este miércoles en el Día del Inmigrante de Naciones Unidas (cada 18 de diciembre).

Cada año unas 600.000 personas visitan su templo en el pueblo donde nació. Muchos viajan desde Estados Unidos para agradecer su ayuda para evadir a la Patrulla Fronteriza, conseguir su residencia legal o sobrevivir al servicio militar en Irak y Afganistán.

Negocio

A pesar de esta devoción, oficialmente Toribio Romo fue canonizado por sanar a una persona desahuciada por cáncer, un milagro ajeno a los migrantes recuerda a BBC Mundo Ángela Renee De la Torre, académica del Centro de Investigaciones y Estudios Superiores en Antropología Social (Ciesas) del Occidente.

De hecho, originalmente el sacerdote era uno más de los 14 mártires de la Guerra Cristera que en 2000 fueron canonizados por el Vaticano, pero su destino fue muy distinto.

"No iba para encabezar el grupo, estaba en la fila digamos, pero se volvió el santo más taquillero y famoso de toda la región", explica la investigadora.

Tras esta creciente devoción existen varios factores: su pueblo natal se ubica en la zona donde ocurrió la primera ola de migración a Estados Unidos a fines del siglo XIX, lo cual permitió a muchos de sus fieles contar con documentos legales para viajar con frecuencia a su país.

Contribuyó además que su hermano Román, también sacerdote y quien presenció la muerte de Toribio, se encargó de promover durante décadas "el mito", dice la investigadora, sobre el martirio del ahora santo.

Incluso su familia ha conservado algunas reliquias: la camisa ensangrentada que tenía al morir, su diario, pantalones y hasta un pequeño recipiente de cristal con un polvo gris que, dicen, era sangre del joven asesinado.

No es todo. El sacerdote responsable de la capilla dedicada a Toribio Romo tenía una especial vocación "por el negocio" y en poco tiempo ordenó la fabricación de miles de objetos con la imagen del nuevo santo, asegura Renee De la Torre.

"Medallas, novenarios, discos para colgarlos en los autos, calcomanías o zapatos tenis con foquitos para cruzar la frontera", cuenta. "La toribiomanía creció de una forma impresionante".

Los milagros de hoy

¿Es suficiente la mercadotecnia para explicar la devoción al santo de los migrantes?

No, dice Juan Manuel Aguirre, director de la organización civil San Toribio Romo Migrante que se dedica a alimentar a las personas sin documentos que pretenden cruzar la frontera con Estados Unidos.

En su tarea cotidiana ha escuchado "muchos testimonios" de personas que juran haber salvado su vida por ayuda del sacerdote.

"Un muchacho me contó que estaba a punto de morir de sed y entonces llegó una persona que le dio agua. Cuando bebió y empezó a recuperarse se dio cuenta que había desaparecido, sólo había un garrafón lleno", dice a BBC Mundo.

"Unos migrantes han estado escondidos y cuando pasó la Patrulla Fronteriza no los vieron porque en ese momento rezaban a Santo Toribio".

Es un círculo. Quienes dicen haber encontrado al santo a veces dejan en su camino señales de la aparición, como cruces, piedras marcadas o pequeños altares con las imágenes que llevaban.

Otros que usan esas rutas encuentran las señales y a su vez dejan más, en un proceso de creación de culto que por lo pronto ha provocado la construcción de al menos dos templos dedicados a Toribio Romo en California y Texas.

Quienes dicen haber sido rescatados por el Santo están convencidos de que el milagro existió, aunque en el fondo puede haber otras razones advierte Renee De la Torre.

"Los migrantes otorgan a los santos un papel muy importante para colonizar sus miedos", explica. Una necesidad espiritual que en los últimos años se profundizó en México porque la ruta hacia el norte es cada vez más peligrosa.

Un proceso "de construcción de la devoción popular" que en el caso de muchos migrantes que cruzan por este país favorece, sin duda, a Santo Toribio Romo.

Fonte:

http://www.bbc.co.uk/mundo/noticias/2013/12/131029_toribio_romo_santo_migracion_mexico_iglesia_catolica_migrante_an.shtml 18.12.2013

En Francia, los Musulmanes votan a la izquierda mientras que los obreros prefieren a la extrema derecha

La Fundación Jean-Jaurés publica un estudio en el que confirma que los partidos liberales están dejando de representar a los trabajadores franceses, quienes ya apoyan al Frente Nacional

Varios estudios sociológicos confirman que Francia está viviendo una mutación política de imprevisible calado, que tiene dos rostros emergentes: los musulmanes franceses (entre 5 y 6 millones), quienes se inclinan masivamente por los partidos de izquierda, y los trabajadores menos cualificados, los cuales prefieren a los partidos de derecha o extrema derecha.

Se sabía que los musulmanes contribuyeron de manera quizá determinante a dar la victoria al presidente de la República Francesa, François Hollande, en la segunda vuelta de las presidenciales del 6 de mayo 2012.

Y la Fundación Jean-Jaurés publicó recientemente un estudio subrayando que los partidos de izquierda están dejando de representar a los obreros franceses, quienes ya votan mayoritariamente al Frente Nacional (FN, extrema derecha) de Marine Le Pen.

Jérôme Fourquet, director del departamento de opinión del instituto IFOP ha publicado un estudio compilando todos los votos de las presidenciales de 2012, las elecciones parciales que se han sucedido desde entonces, y los sondeos y estudios de opinión sobre intenciones de voto. De ese estudio se desprende un dato significativo: los musulmanes franceses se inclinan masivamente por los partidos de izquierda, Partido socialista

(PS), Frente de Izquierda (Fdl) y Partido Comunista Francés (PCF).

Se trata de un dato sociológico capital, ya que los 5 o 6 millones de musulmanes franceses son una comunidad culturalmente unida y muy convencida de sus valores. Se trata, en su inmensa mayoría, de hijos o nietos de inmigrantes. Pero son y se consideran franceses perfectamente integrados.

En las grandes manifestaciones populares de los últimos años ya era muy visible la presencia de mujeres con velo, jóvenes musulmanas que comenzaban a militar en partidos de izquierda y extrema izquierda.

Mutación sociológica

El estudio de Jérôme Fourquet subraya que Francia está viviendo una mutación sociológica de fondo y gran calado, que bien ilustra este titular de Le Figaro a toda página: “Los musulmanes de Francia votan a la izquierda”.

Fourquet resume su trabajo de este modo: “Según nuestros estudios, los franceses musulmanes fueron la categoría social que votó más masivamente a favor de Hollande, hace un año, bien por adhesión a su persona, bien por rechazo de Nicolas Sarkozy. Un año después, esa tendencia de fondo se está confirmando a través de muchos indicadores”.

Fonte: <http://www.abc.es/internacional/20130710/abci-francia-musulmanes-votan-izquierda-201307091858.html> 11.07.2013

¿Cómo viven las personas inmigrantes su integración religiosa?: Cristianos en una Tierra Nueva

Lucia Montobbio

La inmigración de los últimos años ha hecho de España un escenario cada vez más diverso, algo que se percibe de manera muy clara en Cataluña, una de las comunidades donde se han instalado un mayor número de personas que, por diversas razones, ha tenido que dejar su país de origen.

Esta diversidad, lógicamente, se ve reflejada también en las comunidades cristianas. Cuando una persona llega a un país que no es el suyo, surgen varios interrogantes. Por ejemplo, cómo vivir la dimensión espiritual.

Algunos se integran de inmediato en la tradición local, otros buscan a personas de su mismo origen y celebran a su manera el hecho religioso. Hablando con ellos aparece la complejidad de vivir el cristianismo lejos de su tierra de origen y en nuestra casa. Son cristianos en una tierra nueva.

Es muy común ver a personas inmigrantes trabajar en el área doméstica. Así, se hacen cargo de familias, bien sea para cuidar de los niños, para contribuir a la buena marcha del hogar o para acompañar a personas mayores. Este es el caso de Yonia, de origen colombiano, y de Cora, filipina.

Yonia trabaja en más de una casa a cargo de personas ancianas. Explica que las cosas han cambiado desde que llegó. Antes vivía el hecho religioso en familia o con su grupo de amigos. Ahora no tiene tiempo: “Trabajo mucho, cuido a tres señoras, y eso no me deja espacio para ponerme a buscar comunidades latinoamericanas a las que poder ir y donde trabajar la fe”.

Vive en un piso compartido, con otros colombianos. Ellos creen en Dios, pero no en la Iglesia, así que tampoco Yonia encuentra un punto de apoyo cuando llega a casa. Desde que vive en Cataluña, ha cultivado una espiritualidad individual. Sigue yendo a misa, pero de otra manera, acompaña a las personas que cuida.

Cora, sin embargo, sí que ha encontrado un espacio para poder comprometerse con la religión cristiana y con la comunidad filipina que existe en Barcelona: “Soy catequista. A veces me cuesta porque trabajo mucho, tengo poco tiempo y llego muy cansada, pero al final vale la pena”.

Cuando se le pregunta si ve alguna diferencia entre la realidad de las comunidades cristianas de aquí y las de Filipinas, Cora contesta que sí, y, sobre todo, en los jóvenes, que no tienen tanta participación: “Entras en las iglesias de aquí y todos son cabezas grises, lo que está bien, pero falta la fuerza y la alegría de los jóvenes”.

Cora es catequista en la parroquia de la Concepción, pero asiste a misa junto a la mayoría de los filipinos en la iglesia de San Agustín: “Los domingos está llena. Siempre hay entre 500 y 800 filipinos en todos los servicios, tantos que no todos pueden sentarse. El párroco insiste en que vayamos a las parroquias que nos tocan por barrio, para facilitar nuestra integración y repartirnos mejor, pero nosotros hemos encontrado aquí un punto de unión, nos sentimos cómodos y, además, él, el padre Avelino, nos ayuda a resolver dudas que tenemos: por ejemplo, laborales o legales de otro tipo”.

Fonte: <http://blog.cristianismeijusticia.net/?p=9240&lang=es>
14.05.2013

'Padre Patera': “Los inmigrantes vienen a España creyendo que es la Tierra Prometida”

Transformó su casa de Algeciras en un hogar de acogida para inmigrantes ilegales y ahora construye un nuevo centro para ofrecer techo, comida y recursos «a los que menos tienen»

La sonrisa cálida y la mirada despreñida de prejuicios con la que el padre Isidoro Macías Martín recibe a los hombres y mujeres que cruzan el paso del Estrecho después de sobrevivir a una travesía colmada de calamidades son el mejor «salvavidas» para los inmigrantes en suelo español. Este fraile franciscano, más conocido como el 'Padre Patera', transformó su piso de Algeciras una casa de acogida en la que, desde hace más de dos décadas, hospeda «a los más desfavorecidos, a los que menos tienen» –resume en una conversación con ABC–, especialmente, mujeres inmigrantes que arriban a las playas embarazadas o con sus hijos recién nacidos.

«Vienen a España creyendo que es la Tierra Prometida», comenta el fraile, al mismo tiempo que admite el «calvario» por el que muchos tienen que pasar para llegar hasta aquí. «Ellos son

«Solo quieren olvidar, libertad y algo de dinero para enviárselo a sus familias»

felices cuando llegan aquí y no quieren hablar de lo que les ocurrió en el camino pese a que las mafias que se aprovechan de sus desgracias. Solo

quieren olvidar, libertad y algo de dinero para enviárselo a sus familias», subraya Macías.

La solidaridad y la generosidad sin escrúpulos son las leyes por las que el 'Padre Pateras' dirige su vida, y conforme a estos principios humanitarios trata a todos los inmigrantes, legales e ilegales, de la raza, sexo y religión que sean, como si fueran «sus propios hijos», reconoce. Es por eso que les proporciona techo, comida, luz, agua y sobre todo, un respaldo legal, necesario para conseguir el permiso de residencia en España.

«Aquí no hay límite de estancia, hasta que no consigan un trabajo no les vamos a dejar ir. Y si encuentran un empleo fuera de aquí, les pagamos el viaje y todo lo que necesiten», explica Macías para este diario. «Ahora tenemos dos pisos con un matrimonio, tres mujeres y cinco niños».

El problema es que cada vez es más difícil encontrarles trabajo. «Una familia que tenemos aquí ya lleva tres años esperando el permiso de residencia», reconoce Macías. «Una de las niñas «Muchos de los que llegan tienen estudios superiores y saben muy bien lo que quieren»

pequeñas que recogimos creció creyendo que yo era su padre porque el suyo estaba en un centro Centro de Internamiento de Extranjeros (CIE) y cuando fue a verle no le reconocía», expresa con tristeza el fraile.

No obstante, Macías asegura que muchos de los inmigrantes que llegan a Algeciras tienen estudios superiores en sus países de origen. «Últimamente la mayoría vienen de Nigeria, ya vienen muy pocos de Sierra Leona, y entre ellos he tenido en casa a un estudiante de último año de Arqueología, a varios seminaristas, gente con estudios que saben muy bien qué quieren conseguir».

El nuevo centro de acogida, en peligro

Lo que empezó siendo como un pequeño gesto altruista, hoy se ha convertido un proyecto humanitario más ambicioso ante la oleada de inmigrantes que están desbordando los CIE y las instalaciones de la Cruz Roja de la región. Precisamente, en Algeciras, aunque la inmigración en pateras es una constante cada verano, la afluencia de subsaharianos está rebasando los recursos por lo que el 'Padre Patera' no duda en

echar una mano: «Nosotros actuamos a la retaguardia de la Cruz Roja y de Protección Civil para lo que haga falta».

Esta nueva instalación, llamada «Centro Polivalente san Vicente de Paúl», tendrá espacio para 18 personas más que, junto con los dos pisos, suponen un gran respaldo para la actuación humanitaria de las autoridades algecireñas. El problema fundamental es que para este centro, de momento, solo cuenta de las ayudas parciales que recibe de organismos oficiales y civiles y donaciones particulares. Unas subvenciones que este año no le han llegado y que pone en peligro la supervivencia del proyecto.

Fonte: <http://www.abc.es/espana/20130818/abci-padre-patera-201308171633.html> - 18.08.2014

ITALIANO

In Italia 836 Religioni e più Immigrati Cristiani che Musulmani

Presentata a Torino una ricerca del CESNUR

Il CESNUR (Centro Studi sulle Nuove Religioni) presenta oggi la sua nuova ricerca sullo stato delle religioni in Italia, confluita nel volume «Enciclopedia delle religioni in Italia» diretto dal sociologo torinese Massimo Introvigne e da PierLuigi Zoccatelli, rispettivamente direttore e vice-direttore del CESNUR, da domani in libreria per la casa editrice salesiana Elledici. Nelle sue 1.240 pagine la ricerca rubrica 836 religioni e denominazioni presenti in Italia. Per quanto riguarda gli immigrati, la ricerca del CESNUR rivede i dati – in genere provenienti dai rapporti annuali della Caritas/Migrantes – presentati da altri lavori recenti. «Abbiamo contato cose diverse – spiega Introvigne –: la Caritas conta gli immigrati in base alla religione che avevano nel Paese di origine, noi l'effettivo contatto con un'organizzazione della loro religione in Italia». Così se per la Caritas gli immigrati musulmani presenti in Italia sono 1.651.000 per la ricerca del CESNUR sono «solo» 1.360.000. E gli immigrati cristiani ortodossi scendono dagli 1.483.000 della Caritas agli 1.295.000 del CESNUR.

La ricerca rivela una grande crescita del numero d'immigrati ortodossi, soprattutto romeni, che ormai avvicinano per cifre assolute i musulmani e nei

prossimi anni potrebbero superarli. «Mentre in un certo immaginario collettivo – spiegano Introvigne e Zoccatelli – un immigrato non cattolico è quasi per definizione un musulmano, in realtà tra gli immigrati appartenenti a minoranze religiose i musulmani non sono - o non sono più - in maggioranza né assoluta né relativa, e i cristiani non cattolici - sommando ortodossi e protestanti pentecostali – sono ora più numerosi degli islamici».

Nel loro complesso gli immigrati che professano religioni diverse da quella cattolica per il CESNUR sono 3.218.000. Oltre a ortodossi e musulmani, rilevanti sono le comunità d'immigrati protestanti – in maggioranza pentecostali (212.000) –, induisti (114.000), buddhisti (103.000) e sikh (60.000), senza dimenticare che anche fra i Testimoni di Geova ci sono 17.400 fedeli immigrati. I non cattolici presenti globalmente in Italia sono 4.635.400 se si considerano nel totale anche gli immigrati che non sono cittadini italiani, 1.417.000 se si prendono in esame i soli cittadini italiani. Detto in altre parole, gli appartenenti a minoranze religiose sono il 2,5% dei cittadini italiani e il 7,6% delle persone presenti sul territorio italiano, immigrati non cittadini compresi.

Tra i cittadini italiani, secondo gli stessi dati, la prima minoranza come famiglia spirituale o corrente è quella protestante, con 435.000 fedeli. Tra di loro gli appartenenti alle comunità «storiche» – valdesi, luterani, riformati, metodisti, battisti – si sono ridotti al 14,2% del totale, mentre una salda maggioranza è costituita da pentecostali (72%).

La prima denominazione protestante italiana è quella, pentecostale, delle Assemblee di Dio in Italia, con 150.000 membri. Poiché i protestanti sono divisi in numerose denominazioni, la seconda organizzazione religiosa tra i cittadini italiani – immigrati non cittadini esclusi – dopo la Chiesa Cattolica è quella dei Testimoni di Geova, con poco più di 400.000 fedeli. Al terzo posto fra le minoranze presenti tra i cittadini italiani, dopo protestanti e Testimoni di Geova, vengono i buddhisti: 135.000, sommando i fedeli delle comunità che aderiscono all'Unione Buddhista Italiana (UBI) e i 63.000 membri della Soka Gakkai, un gruppo di origine giapponese che non fa parte dell'UBI ma è il singolo gruppo buddhista più numeroso in Italia.

Altre presenze hanno numeri decisamente più piccoli. Gli ebrei cittadini italiani costituiscono una realtà di grande rilievo storico e culturale, ma sono solo 36.000. «L'area esoterica e New Age – spiegano Introvigne e Zoccatelli – se guardiamo agli aderenti a movimenti organizzati, non al numero certamente più grande di coloro che simpatizzano per certe idee, è ferma a circa 15.000 aderenti».

Molti italiani, forse oltre centomila, hanno partecipato a un corso o seguito questa o quell'iniziativa di Scientology, ma sulla base dei criteri seguiti dall'Enciclopedia i «membri» veri e propri, quelli che considerano Scientology la loro religione, in Italia sono stimati dalla ricerca intorno ai diecimila (il movimento ne dichiara cinquantamila). «836 religioni e denominazioni – conclude Introvigne – mostrano che l'Italia è un Paese caratterizzato da un pluralismo religioso crescente, che non va sopravvalutato – quella cattolica rimane la religione ampiamente maggioritaria – ma nemmeno sottovalutato».

Fonte: <http://www.zenit.org/it/articles/in-italia-836-religioni-e-piu-immigrati-cristiani-che-musulmani> - 29.04.2013

Quando Religione fa rima con integrazione: La guida ai luoghi di culto e incontro a Roma

Migrantes e Caritas hanno pubblicato la guida ai luoghi di culto e di incontro delle comunità straniere a Roma. Ne emerge un mosaico interessante di etnie e religioni che spesso usano le stesse strutture anche per iniziative di solidarietà ed inclusione

Salvatore Giuffrida

A Roma la religione è uno strumento di integrazione, anche grazie alla Guida ai luoghi di preghiera e di culto degli immigrati: pubblicata dai due uffici pastorali di Roma, Migrantes e Caritas, la guida è una mappatura precisa delle religioni e delle etnie che abitano la città, che si (ri)scopre multiculturale e solidale al di là delle falle di un sistema istituzionale farraginoso e precario. Chiese e luoghi di culto, infatti, si trasformano quasi sempre in centri di assistenza e solidarietà, quasi sostituendosi ai servizi che le istituzioni dovrebbero assicurare; ormai sono diventati un vero punto di riferimento per gli immigrati.

Il conto degli stranieri. Secondo il censimento 2013 del comune, gli stranieri residenti a Roma sono 381.101, il 10% della popolazione romana. Ovviamente sono di più: i dati si riferiscono solo agli stranieri registrati. In totale i luoghi di culto e preghiera sono 293, di cui 234 in città e 59 in provincia. E naturalmente sono aperti a tutti gli stranieri, registrati e non. La guida fornisce una fotografia dei gruppi etnico-religiosi a Roma: tra i

cattolici figurano - in ordine di grandezza numerica - filippini, polacchi, peruviani, ecuadoriani, romeni, francesi, spagnoli, brasiliani. I luoghi dove si riuniscono sono 172, 19 in più rispetto all'anno precedente: 150 a Roma, 22 nei comuni limitrofi. Le chiese sono le stesse frequentate dai romani, anche se in orari diversi. Liturgia, musica e canti non saranno uguali, ma la fede comune è il collante tra popoli diversi.

Le comunità più rappresentate. Tra gli ortodossi le nazionalità più rappresentate sono: rumena, ucraina, moldava, greca, serba, bulgara, etiopica, eritrea. I luoghi dove si riuniscono sono 53, 18 in più rispetto al 2012. Interessante notare che 25 si trovano in città e 28 in provincia: molte comunità (specie la rumena) risiede nella cintura intorno a Roma. I protestanti usano 34 strutture: le comunità più grandi sono quella rumena, britannica, filippina, tedesca, statunitense, brasiliana e etiopica. Anche in questo caso una struttura accoglie comunità differenti, fino a quattro nello stesso giorno. Anche questa in fondo è integrazione.

Aumentano i musulmani. In espansione a Roma la religione musulmana, che può contare su 25 moschee e luoghi di culto; nel 2004 erano 7, ora a Monte Antenne c'è la moschea più grande d'Europa. I buddisti dispongono di 5 luoghi di culto, ma sono molto più numerosi i posti usati per fare meditazione. Gli induisti dispongono di molti centri saltuari e i sikh hanno un tempio nel quartiere di Massimina.

Le iniziative solidali. In quasi tutti i centri si svolgono iniziative di solidarietà e integrazione. A organizzarle sono associazioni volontarie ospitate presso le strutture, o le stesse comunità di stranieri, che spesso realizzano anche feste religiose e laiche. Tra i cattolici, i più organizzati sono i latinoamericani della chiesa Santa Maria della Luce a Trastevere, che offre attività di doposcuola, corsi di educazione sanitaria, di italiano, centri estivi. Più di 50 le strutture a disposizione dei filippini che nel rione Monti presso la basilica S. Pudenziana organizzano anche processioni, attività sportive,

incontri formativi, orientamento scolastico. Sempre nel rione Monti si riuniscono gli africani cattolici, che organizzano la scuola di italiano e di inglese, centro di accoglienza per mamme e addirittura uno studio odontoiatrico.

Le attività moschee. La stragrande maggioranza delle moschee offre ai suoi fedeli assistenza di prima necessità, servizi di biblioteca; la Grande moschea di Roma al Pincio offre servizi burocratici - sepoltura, morte, etc - compatibili con la legge islamica, mentre la moschea Al Huda, a Centocelle, organizza feste per bambini, matrimoni, tornei, doposcuola, corsi di taglio e cucito. Non da meno le comunità tibetane, induiste e sikh: la prima offre corsi di meditazione, scuole di yoga e attività editoriali, la seconda si è specializzata in educazione artistica e la terza prepara ogni domenica la mensa aperta a tutti.

Fonte:

http://www.repubblica.it/solidarieta/immigrazione/2014/02/28/news/luoghi_di_pregghiera-79887643/ - 28.02.2014

Fra Realpolitik e Religione. Il gop e la riforma dell'immigrazione

*Di Domenico Maceril**

"L'unica maniera di assicurarsi che la riforma dell'immigrazione vada in porto è di affrontare questo complesso tema con piccoli passi". Ecco come John Boehner, presidente della Camera, ha spiegato ad un gruppo di giornalisti la sua intenzione di apertura verso la riforma dell'immigrazione. Si tratta di una reazione che contrasta con la riforma comprensiva approvata dal Senato nel giugno dell'anno scorso.

Due posizioni diverse che fino al momento sembravano non congiungersi mai data l'intransigenza alla Camera dei membri del Tea Party. L'estrema destra del Partito Repubblicano era riuscita a bloccare il disegno di legge della camera alta "ricattando" Boehner con la minaccia di eleggere al suo posto un presidente più conservatore.

L'attuale speaker della Camera però non ne poteva più e il mese scorso ha strigliato i gruppi conservatori che dominano l'ala destra del Partito Repubblicano e le lobby che li sostengono. La sua apertura alla riforma dell'immigrazione continua su questa linea di allontanamento dal Tea Party.

Quando si parla di riforma dell'immigrazione l'estrema destra ci dice sempre che i clandestini dovrebbero semplicemente tornare a casa perché hanno commesso un reato entrando illegalmente negli Stati Uniti. Non si ricompensa dunque il loro

crimine offrendogli "l'amnistia" e l'eventuale residenza legale che culminerebbe con la cittadinanza. Ce lo aveva ricordato Mitt Romney nella campagna presidenziale del 2012 quando affermò che i clandestini dovrebbero semplicemente auto deportarsi.

I clandestini non avranno capito il suggerimento del candidato repubblicano. I cittadini latinos, che ovviamente simpatizzano con i clandestini per ragioni etniche e a volte per legami familiari, hanno risposto a Romney concedendo il settantatré per cento dei loro consensi al candidato democratico Barack Obama.

I latinos non hanno eletto direttamente Obama ma il loro voto ha contribuito notevolmente alla sua vittoria nei cosiddetti "swing states", Stati in bilico. In alcuni di questi come l'Arizona, il Nevada e la Florida c'è una massiccia presenza di elettori ispanici. Ma anche in altri come l'Iowa, il North Carolina, l'Ohio, la Pennsylvania e la Virginia, dove le presenze dei latinos sono meno solide, l'elevata percentuale concessa a Obama ha colpito considerevolmente Romney.

Boehner e i repubblicani "moderati" hanno capito dunque che la loro linea di dire sempre "no" ai gruppi minoritari e la loro ossessione con Obamacare gli toglie le possibilità di riconquistare la Casa Bianca.

La nuova strategia ci viene suggerita da Boehner anche con la sua assunzione di Rebecca Tallent, ex consigliere sull'immigrazione di John McCain. Il senatore repubblicano dell'Arizona ha sempre dimostrato di essere favorevole alla riforma sull'immigrazione. Questa mossa dovrebbe maturare in un serio provvedimento volto a regolarizzare lo status degli undici milioni di clandestini in America.

Alcune voci repubblicane come Eric Cantor, leader della maggioranza del Gop (Grand Old Party) alla Camera e il parlamentare Robert Goodlatte della Virginia, hanno già dichiarato di essere favorevoli alla legalizzazione dei cosiddetti "dreamers" (sognatori). Si tratta dei figli dei clandestini, portati nel Paese da bambini, i quali sono cresciuti in America senza però possedere documenti legali.

Il presidente Obama ha usato il suo potere esecutivo concedendo dei diritti a questi 800 mila "dreamers". E cioè un permesso di lavoro temporaneo e la promessa di non deportarli. Questi diritti erano stati approvati dal Senato mediante il "Dream Act" del 2010 ma come si sa la Camera aveva bocciato il disegno di legge.

Tutto adesso sembra però indicare che qualcosa sulla riforma dell'immigrazione si muoverà. La Camera di Commercio statunitense favorisce la regolarizzazione dei clandestini per ragioni economiche.

A queste voci bisogna però anche aggiungere quelle religiose. Come si sa, la Conferenza dei

Vescovi Cattolici degli Stati Uniti favorisce la riforma comprensiva dell'immigrazione che include un percorso per regolarizzazione e l'eventuale cittadinanza dei clandestini.

Bisogna poi anche aggiungere alcuni gruppi di evangelici, tipicamente molto conservativi, i quali hanno cominciato ad alzare la voce per la riforma. Citano la Bibbia dove si legge che ci sia "un'unica legge per il nativo del Paese e lo straniero che vi soggiorna" (Esodo).

Queste ragioni religiose sul trattamento degli immigrati si stanno propagando nel profondo sud mediante annunci radio registrati dal reverendo Jim Goodroe, repubblicano, leader di una rete di chiese battiste. L'annuncio incoraggia gli ascoltatori a sostenere "i leader politici per trovare soluzioni all'immigrazione che riflettano i valori della Bibbia".

Per ragioni di realpolitik e anche religiose i clandestini possono sperare che la loro situazione migliorerà. Si tratta di un passo avanti per l'immigrazione in America che potrebbe anche influenzare altri Paesi. L'immigrazione clandestina è infatti un fenomeno globale. Nasce dalla povertà che spinge milioni di individui a lasciare il loro Paese spesso rischiando la vita alla ricerca di un futuro migliore.

*Docente di lingue all'Allan Hancock College

Fonte: <http://www.americaooggi.info/2014/01/27/38929-fra-realpolitik-e-religione-il-gop-e-la-riforma-dellimmigrazione> - 27.01.2014

Voglio una vita Halal (e il Cibo c'entra poco)

"Halal" è una parola che ormai viene usata e abusata: "Carne Halal ,Birra halal, mortadella halal ...champagne halal".

Il concetto halal come l' ho vissuto nei miei primi vent'anni nel mio amato paese il Marocco era sinonimo di rispetto per sè e per gli altri, era non dire bugie, era essere onesti, non rubare , non prostituirsi, non bere, non uccidere.... Era solidarietà con il prossimo, era tante pratiche che rafforzano il vivere in una società giusta e nella legalità. Erano tutti quei gesti semplici di mia madre che ospitava gli orfani a casa dicendo "dove mangia una persona ne mangiano due"

Questo era per me vivere halal.

In Europa , dopo la mia immigrazione dal mio primo paese Marocco al mio secondo paese Italia ho cominciato a conoscere un altro mondo Halal, un halal legato soprattutto al cibo, diventato simbolo di un'identità religiosa.

Ecco allora la "macelleria halal" dove tu poi comprare carni macellate osservando il rito musulmano, che è uguale a quello ebraico, e poi tutti i cibi tipici del paese di provenienza: " Marocco, Egitto, Tunisia, Pakistan.....etc."

Quando la parola Halal ha assunto uno spessore diverso, non più di esigenza gastronomica ma di identità religiosa, è diventato obbligatorio andare al negozio halal, consumare halal. Questo poi si è trasformato in un affare e si è esteso anche a tutti i cibi "haram", quelli che un musulmano non può consumare, facendo nascere salame, mortadella e alcolici halal.

Fino qua va bene, ma la vita halal è diventata solo consumare halal. Se io spaccio non fa nulla, se mi prostituisco non fa nulla... ma devo mangiare halal

se no vengo additata, perché se io faccio haram, se pecco, nessuno mi vede, ma se non mangio halal la comunità mi vede .

Così spero in un ritorno alla vecchia vita halal, semplice, coerente e senza esibizionismi. Come quella di mia madre.

Lampedusa: omelia del Santo Padre Francesco

Immigrati morti in mare, da quelle barche che invece di essere una via di speranza sono state una via di morte. Così il titolo dei giornali. Quando alcune settimane fa ho appreso questa notizia, che purtroppo tante volte si è ripetuta, il pensiero vi è tornato continuamente come una spina nel cuore che porta sofferenza. E allora ho sentito che dovevo venire qui oggi a pregare, a compiere un gesto di vicinanza, ma anche a risvegliare le nostre coscienze perché ciò che è accaduto non si ripeta. Non si ripeta per favore. Prima però vorrei dire una parola di sincera gratitudine e di incoraggiamento a voi, abitanti di Lampedusa e Linosa, alle associazioni, ai volontari e alle forze di sicurezza, che avete mostrato e mostrate attenzione a persone nel loro viaggio verso qualcosa di migliore. Voi siete una piccola realtà, ma offrite un esempio di solidarietà! Grazie! Grazie anche all'Arcivescovo Mons. Francesco Montenegro per il suo aiuto, il suo lavoro e la sua vicinanza pastorale. Saluto cordialmente il sindaco signora Giusi Nicolini, grazie tanto per quello che lei ha fatto e che fa. Un pensiero lo rivolgo ai cari immigrati musulmani che oggi, alla sera, stanno iniziando il digiuno di Ramadan, con l'augurio di abbondanti frutti spirituali. La Chiesa vi è vicina nella ricerca di una vita più dignitosa per voi e le vostre famiglie. A voi: o'scià!

Questa mattina, alla luce della Parola di Dio che abbiamo ascoltato, vorrei proporre alcune parole che soprattutto provochino la coscienza di tutti, spingano a riflettere e a cambiare concretamente certi atteggiamenti.

“Adamo, dove sei?": è la prima domanda che Dio rivolge all'uomo dopo il peccato. “Dove sei Adamo?”. E Adamo è un uomo disorientato che ha perso il suo posto nella creazione perché crede di diventare potente, di poter dominare tutto, di essere Dio. E l'armonia si rompe, l'uomo sbaglia e questo si ripete anche nella relazione con l'altro che non è più il fratello da amare, ma semplicemente l'altro che disturba la mia vita, il mio benessere. E Dio pone la seconda domanda: “Caino, dov'è tuo fratello?”. Il sogno di essere potente, di essere grande come Dio, anzi di essere

Lala Zineb Maarouf Dafali - Alitaliya.net, il portale degli arabi in Italia

Fonte: <http://www.csem.org.br/index.php/csem/noticias/2301-voglio-una-vita-halal-e-il-cibo-c-entra-poco> - 06.03.2014

Dio, porta ad una catena di sbagli che è catena di morte, porta a versare il sangue del fratello!

Queste due domande di Dio risuonano anche oggi, con tutta la loro forza! Tanti di noi, mi includo anch'io, siamo disorientati, non siamo più attenti al mondo in cui viviamo, non curiamo, non custodiamo quello che Dio ha creato per tutti e non siamo più capaci neppure di custodirci gli uni gli altri. E quando questo disorientamento assume le dimensioni del mondo, si giunge a tragedie come quella a cui abbiamo assistito.

“Dov'è il tuo fratello?”, la voce del suo sangue grida fino a me, dice Dio. Questa non è una domanda rivolta ad altri, è una domanda rivolta a me, a te, a ciascuno di noi. Quei nostri fratelli e sorelle cercavano di uscire da situazioni difficili per trovare un po' di serenità e di pace; cercavano un posto migliore per sé e per le loro famiglie, ma hanno trovato la morte. Quante volte coloro che cercano questo non trovano comprensione, non trovano accoglienza, non trovano solidarietà! E le loro voci salgono fino a Dio! E una volta ancora ringrazio voi abitanti di Lampedusa per la solidarietà. Ho sentito, recentemente, uno di questi fratelli. Prima di arrivare qui sono passati per le mani dei trafficanti, coloro che sfruttano la povertà degli altri, queste persone per le quali la povertà degli altri è una fonte di guadagno. Quanto hanno sofferto! E alcuni non sono riusciti ad arrivare.

“Dov'è il tuo fratello?” Chi è il responsabile di questo sangue? Nella letteratura spagnola c'è una commedia di Lope de Vega che narra come gli abitanti della città di Fuente Ovejuna uccidono il Governatore perché è un tiranno, e lo fanno in modo che non si sappia chi ha compiuto l'esecuzione. E quando il giudice del re chiede: “Chi ha ucciso il Governatore?”, tutti rispondono: “Fuente Ovejuna, Signore”. Tutti e nessuno! Anche oggi questa domanda emerge con forza: Chi è il responsabile del sangue di questi fratelli e sorelle? Nessuno! Tutti noi rispondiamo così: non sono io, io non c'entro, saranno altri, non certo io. Ma Dio chiede a ciascuno di noi: «Dov'è il sangue del tuo fratello che grida fino a me?». Oggi nessuno nel mondo si sente responsabile di questo; abbiamo

perso il senso della responsabilità fraterna; siamo caduti nell'atteggiamento ipocrita del sacerdote e del servitore dell'altare, di cui parlava Gesù nella parabola del Buon Samaritano: guardiamo il fratello mezzo morto sul ciglio della strada, forse pensiamo "poverino", e continuiamo per la nostra strada, non è compito nostro; e con questo ci tranquillizziamo, ci sentiamo a posto. La cultura del benessere, che ci porta a pensare a noi stessi, ci rende insensibili alle grida degli altri, ci fa vivere in bolle di sapone, che sono belle, ma non sono nulla, sono l'illusione del futile, del provvisorio, che porta all'indifferenza verso gli altri, anzi porta alla globalizzazione dell'indifferenza. In questo mondo della globalizzazione siamo caduti nella globalizzazione dell'indifferenza. Ci siamo abituati alla sofferenza dell'altro, non ci riguarda, non ci interessa, non è affare nostro!

Ritorna la figura dell'Innominato di Manzoni. La globalizzazione dell'indifferenza ci rende tutti "innominati", responsabili senza nome e senza volto.

"Adamo dove sei?", "Dov'è il tuo fratello?", sono le due domande che Dio pone all'inizio della storia dell'umanità e che rivolge anche a tutti gli uomini del nostro tempo, anche a noi. Ma io vorrei che ci ponessimo una terza domanda: «Chi di noi ha pianto per questo fatto e per fatti come questo?», Chi ha pianto per la morte di questi fratelli e sorelle? Chi ha pianto per queste persone che erano sulla barca? Per le giovani mamme che portavano i loro bambini? Per questi uomini che desideravano qualcosa per sostenere le proprie

famiglie? Siamo una società che ha dimenticato l'esperienza del piangere, del "patire con": la globalizzazione dell'indifferenza ci ha tolto la capacità di piangere! Nel Vangelo abbiamo ascoltato il grido, il pianto, il grande lamento: "Rachele piange i suoi figli... perché non sono più". Erode ha seminato morte per difendere il proprio benessere, la propria bolla di sapone. E questo continua a ripetersi... Domandiamo al Signore che cancelli ciò che di Erode è rimasto anche nel nostro cuore; domandiamo al Signore la grazia di piangere sulla nostra indifferenza, di piangere sulla crudeltà che c'è nel mondo, in noi, anche in coloro che nell'anonimato prendono decisioni socio-economiche che aprono la strada ai drammi come questo. "Chi ha pianto?". Chi ha pianto oggi nel mondo?

Signore, in questa Liturgia, che è una Liturgia di penitenza, chiediamo perdono per l'indifferenza verso tanti fratelli e sorelle, ti chiediamo Padre perdono per chi si è accomodato e si è chiuso nel proprio benessere che porta all'anestesia del cuore, ti chiediamo perdono per coloro che con le loro decisioni a livello mondiale hanno creato situazioni che conducono a questi drammi. Perdono Signore!

Signore, che sentiamo anche oggi le tue domande: "Adamo dove sei?", "Dov'è il sangue di tuo fratello?".

Fonte:

http://www.vatican.va/holy_father/francesco/homilies/2013/documents/papa-francesco_20130708_omelia-lampedusa_it.html - 08.07.2013

La pastorale dei migranti e dei rifugiati in Europa: una proposta di comunione

Concluso a Mosta (Malta), l'incontro dei vescovi e delegati responsabili per la pastorale dei migranti delle Conferenze episcopali in Europa

L'approccio al fenomeno migratorio in Europa è vittima di una sorta di schizofrenia. Mentre l'UE riconosce sempre più diritti all'immigrato regolare, l'Europa fortissima continua a gestire la mobilità umana come una questione meramente economica. Il migrante non è una merce che si può importare ed esportare a piacimento! Un approccio al fenomeno migratorio che non tenga conto di tutte le dimensioni della persona umana e della realtà sociale e culturale delle singole nazioni è destinato a generare esclusione, marginalità e tensioni sociali. L'approccio pastorale che la Chiesa propone obbliga quanti sono coinvolti a un realismo nel modo di guardare la realtà delle persone e delle comunità di migranti, evitando quindi di ridurre la questione e la problematicità del tema a valutazioni

meramente economiche, sociologiche o di carattere politico. È quanto è emerso nei due giorni di lavoro, promossa dal Consiglio delle Conferenze Episcopali d'Europa (CCEE), per i vescovi e direttori nazionali per la pastorale dei migranti e rifugiati delle Conferenze episcopali in Europa, svoltasi a Mosta (Malta) dal 2 al 4 dicembre 2013.

A Malta, i vescovi e responsabili per la pastorale dei migranti si sono mostrati preoccupati per tutte le situazioni in cui i rifugiati e i richiedenti asilo non sono rispettati nella loro dignità. La politica europea e quella degli Stati non può non basarsi sul rispetto della persona, il riconoscimento del valore e dell'importanza della famiglia. Ogni movimento migratorio deve svolgersi nel quadro della legalità.

In caso contrario, l'ordine pubblico dei paesi meta di migrazione rischia di venire meno, rendendo questi paesi poco attrattivi per l'immigrazione. In ogni caso, i criteri della carità e della legalità devono essere osservati.

Una sana 'politica' migratoria deve poter favorire la partecipazione attiva nella società dei migranti, facilitando il loro impiego lavorativo. Un'attività permanente che permetta il proprio sostentamento o di rispondere ai bisogni della propria famiglia appare fondamentale nel processo d'integrazione: costituisce, di fatto, il mezzo principale perché l'emigrato possa iniziare una 'nuova vita'. Allo stesso tempo, questa politica deve sempre essere sostenuta da sforzi per affrontare le forme d'ingiustizia economica e sociale all'interno dei singoli paesi e a livello globale (sfruttamento d'interi regioni, distruzione dell'ambiente in molti paesi poveri, guerre ingiuste...).

Per i molti rifugiati che arrivano in Europa, attraverso i suoi confini a Sud e a Est, la Chiesa cerca, per quanto le è possibile, di essere presente con varie realtà e iniziative (centri d'accoglienza, dormitori, centri per bambini, corsi di lingua...). La Chiesa non intende chiaramente sostituirsi allo Stato, ma non può non sentirsi interpellata dall'umana sofferenza, materiale o spirituale che sia. La Chiesa ha una vocazione ad essere prossima, a incontrare e ad accompagnare il cammino di ogni uomo, seguendo il suo Signore. In questo senso, una particolare attenzione è stata data al tema 'famiglia e immigrazione'. Una giusta pastorale del migrante non può prescindere dal suo bisogno di affetti, ad avere una famiglia e a sentirsi parte di una comunità.

Allo stesso tempo, le migrazioni costituiscono una vera sfida per la comunità cristiana perché chiamano in causa la sua capacità di accogliere e gestire la differenza. Il pluralismo non dovrebbe essere percepito come la contrapposizione di mondi antagonisti, bensì come la complementarità di ricchezze multiformi. D'altra parte, a più riprese, i partecipanti hanno insistito sul fatto che non basta offrire ciò che si ha, bisogna imparare a offrire quello che si è. Accogliere è amare, è prendere sul serio l'umanità delle persone, permettendo a ognuno di essere se stesso. E' fare in modo che l'altro esista senza per questo sentirsi minacciato dalla sua differenza.

Da anni, la Chiesa è tesa a sviluppare rapporti tra le comunità di partenza e quelle di arrivo. La cooperazione tra le chiese locali costituisce sempre più una dimensione del lavoro pastorale. Questa cooperazione non è richiesta da esigenze

sociologiche o di efficacia. La posta in gioco è l'essere e l'identità della Chiesa. Una cooperazione così compresa non si riduce a un dare, è anche un ricevere: l'immigrato ha certamente bisogno di aiuto, ma è anche una risorsa per la comunità che sa accoglierlo.

Infine, appare importante dare contenuto alle parole che si usano. Termini come 'assimilazione', 'integrazione', 'inclusione' appaiono spesso inadeguati o incompleti, specie se usati in ambito ecclesiale. La cultura dell'incontro, il cui metodo è costituito dall'andare incontro e prendersi cura dell'altro, chiede che il fenomeno migratorio sia percepito non soltanto come una sfida che chiama alla carità, ma anche come un'occasione di arricchimento della comunione ecclesiale.

Nel corso dell'incontro promosso dalla Sezione "Migrazione", Commissione Caritas in Veritate del CCEE, presieduta dal Cardinale Josip Bozanić, arcivescovo di Zagabria, i partecipanti hanno visitato il centro chiuso di Hal Safi per richiedenti asilo e un centro aperto a Balzan, gestito dalla Chiesa locale. In particolare, il centro di Balzan costituisce un felice esempio di come sia possibile conciliare evangelizzazione e azione sociale: la fede che genera le opere e le opere che testimoniano la fede.

L'incontro si è svolto a Malta su invito dell'Arcivescovo locale, Mons. Paul Cremona, e del Presidente della Conferenza episcopale maltese, Mons. Mario Grech, Vescovo di Gozo, ed è stato organizzato da Mons. Alfred Vella, Direttore della Commissione "Malta Emigrants". Vi hanno preso parte i vertici del Pontificio Consiglio per la pastorale dei migranti e degli itineranti: del suo presidente, il Cardinale Antonio Maria Vegliò, e del sotto-segretario del dicastero vaticano, Mons. Gabriele Ferdinando Bentoglio. Nel corso dell'incontro, sono intervenuti: l'On. Emanuel Mallia, Ministro degli Interni e della Sicurezza Nazionale della Repubblica di Malta; l'On. Helena Dalli, Ministro delle Politiche Sociali, della protezione dei consumatori e delle libertà civili della Repubblica di Malta; l'ambasciatore José Angelo Oropeza Rojas, Direttore dell'ufficio di coordinamento IOM per il Mediterraneo e Capo Delegazione IOM in Italia e a Malta; Mons. Ciriaco Benavente Mateos, Presidente della Commissione Episcopale per le Migrazioni in Spagna e la Prof.ssa Laura Zanfrini dell'Università Cattolica del Sacro Cuore di Milano.

Fonte: <http://www.zenit.org/it/articles/la-pastorale-dei-migranti-e-dei-rifugiati-in-europa-una-proposta-di-comunione> - 05.12.2014

Títulos da Resenha Migrações na Atualidade

1. BRASIGUAIOS
2. EMIGRAR - Opção ou necessidade
3. OS EXPULSOS DA TERRA
4. MIGRAÇÕES E TRABALHO
5. LEIS E MIGRAÇÃO
6. MIGRAÇÕES NORDESTINAS
7. JOVENS MIGRANTES
8. MIGRAÇÕES INTERNAS: Aspectos vários
9. DESEMPREGO
10. VÍTIMAS DO RACISMO
11. MORADIA: Direito de todos
12. FAVELAS: Migração da dignidade humana
13. FOME E MISÉRIA
14. LATINO - AMERICANOS EM MIGRAÇÃO
15. A FAMÍLIA
16. TRABALHO ESCRAVO
17. SOS: Pequenos sem lar
18. REFUGIADOS
19. EXCLUÍDOS - Um clamor à justiça e a solidariedade
20. MULHER MIGRANTE - Solidariedade e acolhida
21. SEM – TERRAS
22. DIREITOS HUMANOS - Violação e defesa
23. TERRA E MIGRAÇÃO
24. MIGRANTES EM SITUAÇÃO IRREGULAR
25. CRIANÇAS, ADOLESCENTES E TRABALHO
26. CF /97 E AS MIGRAÇÕES
27. MIGRANTES E AS RELAÇÕES DE TRABALHO
28. VIOLÊNCIA CONTRA MIGRANTES.
29. PELA DIGNIDADE DO MIGRANTE
30. DESEMPREGO EM ALTA
31. EDUCAR É PRECISO
32. SECA AUMENTA O VAIVÉM DE MIGRANTES
33. ANISTIA A ESTRANGEIROS EM SITUAÇÃO ILEGAL
34. SEM TRABALHO... por quê?
35. DESAFIOS DA MIGRAÇÃO frente ao novo milênio
36. O MIGRANTE É VÍTIMA!
37. REFUGIADOS: desafio à solidariedade
38. DIGNIDADE HUMANA E PAZ - CF/2000
39. XENOFOBIA
40. TRÁFICO HUMANO - a escravidão moderna
41. CRIANÇAS E ADOLESCENTES na armadilha da globalização
42. DROGAS, uma ameaça à VIDA.
43. MULHERES: Protagonistas ou excluídas?
44. MIGRANTES e Conflitos armados
45. RETRATO SOCIAL dos MIGRANTES.
46. POVOS INDÍGENAS, resgate de uma civilização.
47. ALIMENTAÇÃO é um direito humano. Por que tanta fome?
48. IMIGRANTE: rejeitado, mas indispensável!
49. ÁGUA: fonte de segurança alimentar.
50. PESSOAS IDOSAS: dignidade e esperança.
51. A MERCANTILIZAÇÃO DO SER HUMANO
52. EMIGRAÇÃO: As lutas de brasileiros e brasileiras no exterior.
53. DISCRIMINAÇÕES: o ser humano ferido.
54. MIGRAÇÕES INTERNACIONAIS: rumos e desafios.
55. MIGRAÇÕES: culturas e integração.
56. REFUGIADOS: novos desafios na conjuntura atual.
57. TRÁFICO DE SERES HUMANOS: negação da dignidade.
58. MIGRAÇÕES: leis insuficientes e políticas migratórias discriminatórias.
59. MIGRAÇÕES E DESENVOLVIMENTO.
60. XENOFOBIA: o migrante como ameaça. Por quê?
61. RELIGIÕES: força e fragilidade dos migrantes
62. MIGRAÇÕES INTERNACIONAIS: novos fluxos e políticas seletivas
63. POBREZA produz migração. Migração contrasta a pobreza?
64. CAMINHOS E DESCAMINHOS DA INTEGRAÇÃO
65. POVOS EM FUGA: os/as deslocados/as
66. CRIMINALIZAÇÃO DOS MIGRANTES E VIOLÊNCIA NO CONTEXTO MIGRATÓRIO: desafios
67. MIGRAÇÕES E TRABALHO: valorizar a contribuição e erradicar a exploração
68. MIGRAÇÕES E CULTURA: como superar a discriminação?
69. MIGRAÇÕES E REFÚGIO: a ambigüidade das estratégias de proteção
70. LEIS E POLÍTICAS MIGRATÓRIAS: direito a ter direitos
71. MIGRAÇÕES E DESENVOLVIMENTO: qual o papel das remessas?
72. O PAPEL PROFÉTICO DAS RELIGIÕES junto aos migrantes
73. TRÁFICO DE PESSOAS: quais são as estratégias de combate?
74. CIDADE: lugar de encontro ou exclusão?
75. SER MIGRANTE EM TEMPOS DE CRISE
76. ENTRE ASSIMILAÇÃO e INTEGRAÇÃO
77. MUDANÇAS CLIMÁTICAS e REFUGIADOS AMBIENTAIS
78. AS MIGRAÇÕES GERAM VIOLÊNCIA OU REAÇÕES VIOLENTAS?
79. TRABALHADORES MIGRANTES: indispensáveis, mas sem direitos
80. XENOFOBIA: a nova face da exclusão
81. MULHERES REFUGIADAS
82. RELIGIÃO: fator de integração dos migrantes?
83. Os rumos do TRÁFICO DE SERES HUMANOS
84. MIGRAÇÃO DE RETORNO e crise: sonho frustrado?
85. Os desafios da MIGRAÇÃO FEMININA
86. As RELIGIÕES diante dos desafios das MIGRAÇÕES INTERNACIONAIS
87. TRÁFICO DE PESSOAS: é possível combater?
88. Novos FLUXOS MIGRATÓRIOS: uma nova questão social
89. MULHERES MIGRANTES: protagonismo e vulnerabilidades
90. A RELIGIÃO como meio de assistência, integração e emancipação dos migrantes.
91. TRÁFICO DE PESSOAS: entre o discurso e a realidade.
92. A “Globalização da indiferença” e a CRIMINALIZAÇÃO DAS MIGRAÇÕES
93. As MULHERES no contexto das políticas migratórias
94. As RELIGIÕES a serviço da dignidade dos migrantes